

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL

LUCAS CARDOSO DE MOURA

**VINDOS DE LONGE:
UMA ABORDAGEM SOBRE EXPERIÊNCIAS DE NORDESTINOS QUE
MIGRARAM PARA ITUIUTABA/MG - DÉCADAS DE 1950 A 1970**

ITUIUTABA

2019

LUCAS CARDOSO DE MOURA

VINDOS DE LONGE:

**UMA ABORDAGEM SOBRE EXPERIÊNCIAS DE NORDESTINOS QUE
MIGRARAM PARA ITUIUTABA/MG – DÉCADAS DE 1950 A 1970**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, como requisito parcial á obtenção do título de bacharel e licenciado em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Dalva Maria de Oliveira Silva

ITUIUTABA

2019

LUCAS CARDOSO DE MOURA

VINDOS DE LONGE:

**UMA ABORDAGEM SOBRE EXPERIÊNCIAS DE NORDESTINOS QUE
MIGRARAM PARA ITUIUTABA/MG – DÉCADAS DE 1950 A 1970**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel e licenciado em História.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^o Dr^o Aurelino José Ferreira Filho – ICHPO-UFU

Prof^o Ms Artur Nogueira Santos e Costa - ICHPO-UFU

Prof^a Dr^a Dalva Maria de Oliveira Silva (Orientadora) - ICHPO-UFU

*Aos meus avós, Andreza Gonçalves Moura
e Francisco Moura, migrante nordestino,
que inspirou esta pesquisa e dedicou parte
de sua vida, trabalho e lutas diárias à vida
no campo.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela oportunidade de estar vencendo mais uma etapa em minha vida e também por poder estudar, oportunidade que meu avô e alguns migrantes nordestinos, não tiveram. Em seguida gostaria de agradecer o apoio incondicional da minha família, meus pais, Josafa Moura Lima e minha mãe Lindinalva de Moraes Cardoso Moura; a minha esposa, Rita de Cássia Carneiro Araújo, pela paciência e compreensão, pelos momentos em que estive ausente, especialmente a minha filha Isabel Araújo Moura, que nos momentos difíceis, mesmo de forma inocente me deu forças para seguir.

Não poderia esquecer dos amigos do curso, especialmente da minha turma que, com certeza, contribuíram na minha trajetória até o presente momento, a quem agradeço na pessoa do amigo de infância Lázaro Rufino Dâmaso Neto.

Agradecemos ainda ao CEPDOMP (Centro de Pesquisa Documentação e Memória do Pontal) por meio do qual tivemos acesso aos jornais, podendo assim desenvolver a pesquisa com as fontes periódicas.

Aos professores, que cada qual com seu modo ajudaram na construção deste trabalho, através de reflexões e leituras desenvolvidas em sala de aula; em especial à orientadora Dalva Maria de Oliveira Silva.

RESUMO

Este trabalho tem como temática a migração nordestina para o município de Ituiutaba nas décadas de 1950 a 1970. Período marcado pela vinda de centenas de migrantes nordestinos motivados pela oferta de trabalho no processo de cultivo de arroz. O objetivo geral deste trabalho consistiu em compreender, historicamente, os diferentes aspectos que circundaram essa onda migratória, mas, sobretudo por meio da experiência de nordestinos que deixaram sua terra natal em busca de novas perspectivas de vida. O trabalho se justifica pela importância de registrar e apresentar as narrativas dessa história sob o ponto de vista dos trabalhadores nordestinos que migraram para o município de Ituiutaba. A pesquisa foi desenvolvida por meio da análise de fontes periódicas, especificamente algumas matérias e notícias de jornais que circulavam na região no período recortado; bem como a partir da produção e análise de fontes orais. Foram realizadas cinco entrevistas com migrantes nordestinos, que vieram para o município de Ituiutaba, visando o registro de suas experiências desde a vivência na terra natal, a viagem, relações de trabalho e cotidiano.

Palavras-chave: Migração nordestina, memórias, história regional e local

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: “Poderoso grupo financeiro europeu pretende montar indústria nesta cidade”, *Folha de Ituiutaba*, 11-01-1961.

Figura 2: “Enquanto as lagartas devoram as lavouras” *Jornal Folha de Ituiutaba*, 11-01-1961.

Figura 3: “O Triângulo no ano de 63: Ituiutaba e CEGEB unidas – A capital do Arroz não ficará a margem da televisão” *Jornal folha de Ituiutaba* 13-07-1963.

Figura 4: “Migração de nordestinos: Polícia vai promover reunião a respeito” *Folha de Ituiutaba* 09/02/1963.

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Sobre a memória e a prática da história oral.....	11
1.2 Sobre as fontes periódicas.....	17
2.0 CAPÍTULO I: Situando Ituiutaba na rota e no contexto da migração.....	20
2.1 Migração.....	20
2.2 Brasil na década de 1950.....	26
2.3 Importância da História Regional e Local.....	28
2.4 Considerações sobre o município de Ituiutaba 1950 a 1970.....	31
2.5 Considerações acerca da região Nordeste.....	43
3.0 CAPÍTULO II: A experiência do migrar e o contato com a nova terra.....	48
3.1 Os entrevistados se apresentam.....	49
3.2 Memórias sobre o Nordeste.....	50
3.3 Justificativas para a migração e memórias sobre a viagem.....	54
3.4 Chegada no município de Ituiutaba.....	63
3.5 Relações entre mineiros e nordestinos.....	72
Considerações Finais	78
Fontes.....	81
Referências.....	82

1.0 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende discutir e analisar aspectos ligados ao movimento migratório ocorrido entre as regiões Nordeste e Sudeste do Brasil, nas décadas de 1950 e 1970. Nosso recorte se concentra no município de Ituiutaba, que se localiza na região do Triângulo Mineiro, Estado de Minas Gerais. O foco da pesquisa são os migrantes nordestinos que vieram para o município em busca de novas perspectivas de vida. A migração interna ocorreu por diversas razões, entre as quais, a esperança de encontrar melhores condições de vida e trabalho.

Nossa investigação diz respeito ao processo de migração vivenciado por cinco sujeitos nordestinos que chegaram inicialmente no município de Ituiutaba. Para tanto buscaremos analisar as experiências desses migrantes, desde a terra natal, da viagem e os contatos com a nova terra, com os cidadãos locais e com as atividades de trabalho que passaram a desempenhar. Dentro desse contexto percebemos um choque cultural, de diferentes modos e costumes, entre os nordestinos e os mineiros.

A partir desta ideia, apresentamos algumas das questões que irão nortear o nosso olhar sobre a vinda dos migrantes nordestinos e os contatos com os cidadãos locais. O primeiro ponto que buscamos refletir é o modo como esses migrantes foram recebidos na cidade, ou seja, de um lado estavam os mineiros, dotados de um olhar de estranhamento e, por vezes, carregado de preconceitos e desconfiança em relação aos de fora, que representava mão-de-obra para o trabalho nas lavouras. O migrante chegava com a expectativa de arranjar trabalho, um novo lar, esperando encontrar condições dignas de sobrevivência para si e para suas famílias.

Outra vertente que podemos elencar é o modo como os migrantes eram selecionados para o trabalho, suas rotinas e atividade. Os mecanismos utilizados para criar uma relação de dependência em relação aos patrões, com alguns se tornando uma espécie de reféns devido às condições de empregabilidade encontradas. Os migrantes ficavam devendo aos patrões, as despesas da viagem no “pau-de-arara¹”, o transporte e

¹Caminhão utilizado para o transporte de migrantes nordestinos para outras regiões do país nas décadas de 1950 e 1960. Consistia numa cobertura de lona e bancos de madeira dispostos na carroceria do caminhão.

a alimentação, ao virem para Ituiutaba. Durante a viagem os fretantes² dos caminhões faziam as despesas dos migrantes nordestinos e quando chegavam a Ituiutaba os fazendeiros pagavam a dívida dos migrantes para os fretantes e em troca os mesmos iriam trabalhar em suas fazendas até quitarem a dívida.

Os nordestinos chegaram em massa e espalharam-se pela vasta região trazendo seu modo de vida, sua linguagem, estabelecendo diferenças que deram origem a interpretações variadas, gerando explicações, conceitos e preconceitos. De um lado estavam, os nordestinos que chegavam, observavam e eram observados, de outro, os mineiros que geralmente os recebiam com reserva e uma dose de desconfiança. Conceitos errôneos, formulados e disseminados de boca em boca, nortearam por muito tempo as relações entre mineiros e nordestinos. (SILVA, 2000, p.174)

A ideia deste trabalho começou a tomar forma no ano de 2016, quando cursamos, no quinto período do Curso de História, a disciplina de História Cultural. A proposta de avaliação final da disciplina foi a produção de um artigo sobre algum aspecto ou tema ligado à história regional e local de Ituiutaba. A proposta foi amadurecendo a partir das discussões em sala de aula e também por ter na família um migrante nordestino, meu avô, Francisco Moura que migrou para Ituiutaba no ano de 1953, vindo de uma pequena cidade chamada Ruy Barbosa, que se localiza no Estado do Rio Grande do Norte, com a intenção de trabalhar nas lavouras de arroz.

Em um primeiro momento pensamos em recorrer à prática da história oral e analisar os processos-crime, com a intenção de cruzar diferentes versões sobre o cotidiano dos migrantes na cidade, suas relações com os moradores locais e com os patrões. Em relação aos processos-crime, não conseguimos acessá-los, pois as fontes estão sob a guarda do Ministério da Justiça e precisaríamos de uma autorização específica. Apesar da Lei de Acesso à Informação (LAI – nº 12.527 de 18/11/2011), a justiça não respondeu aos nossos pedidos.

1.1 SOBRE A MEMÓRIA E A PRÁTICA DA HISTÓRIA ORAL

Podemos apresentar as razões pelas quais escolhemos recorrer à história oral, sendo uma delas, as diferentes narrativas que podem nos apresentar, as múltiplas

²“Fretantes” é como os migrantes nordestinos se referem aos motoristas ou proprietários de caminhões que faziam a viagem entre o nordeste e os locais de destino.

realidades vividas pelos nordestinos através das experiências do migrar. A metodologia utilizada é interessante, pois nos proporcionou o contato com o outro e a oportunidade de enxergar outras realidades, de incluir outras vivências. Ao recorrer às pessoas que, por muitas vezes, não foram escutadas, tencionamos em demonstrar que os silenciamentos sociais em algumas situações estiveram atrelados a situações de exclusão ou segregação.

Partilhamos da concepção das autoras Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado acerca da definição sobre a história:

Entendida como metodologia, a história oral remete a uma dimensão técnica e a uma dimensão teórica. Esta última evidentemente a transcende e concerne à disciplina histórica como um todo. (AMADO, FERREIRA, 1996, P.viii)

A história oral é de suma importância para o seu desenvolvimento deste trabalho, uma vez que não poderíamos obter o conhecimento sobre inúmeras vivências e experiências, dos sujeitos que participaram da pesquisa, a não ser pela prática da história oral. As entrevistas que realizamos nos permitiu partilhar de diferentes narrativas, compostas por memórias, sonhos e esperança, cada qual com seus anseios e particularidades.

Com as entrevistas buscamos recompor, mesmo de modo parcial, diferentes versões dentro da história, a partir do uso de uma metodologia que nos proporciona analisar vivências e experiências particulares, que ocorreram no contato com o outro. Assim usamos a história oral como a principal metodologia de análise em nosso trabalho. Com as fontes orais buscamos ainda perceber como as relações de amizade, de solidariedade e de consanguinidade dos migrantes, ajudaram a amenizar os rigores de cotidianos marcados pela luta diária pela sobrevivência.

O campo da história oral, apesar de praticado a pouco tempo no Brasil, de forma mais ampla a partir da década de 90 do século XX, têm se firmado como uma das importantes formas de pesquisa e produção do conhecimento em história por permitir que os investigadores acessem as diferentes versões ou narrativas dos sujeitos da história, sobre um determinado tema ou assunto.

A metodologia usada buscou conhecer e registrar múltiplas experiências de nordestinos que chegaram no município de Ituiutaba no período entre 1950 e 1970. De

forma geral os critérios usados em nossas entrevistas foram basicamente cruzar diferentes visões da época, assim buscamos refletir sobre as relações entre padrões e empregados, histórias de quem voltou para o Nordeste, rotinas de trabalho, atividades em momentos de lazer, educação para os filhos, e a experiência do migrar.

Nas entrevistas com os migrantes nordestinos, buscamos entender quais os motivos da migração e as experiências do migrar, procurando indagar como eram suas condições de vida antes de migrarem. A intenção, nesse caso, foi pensarmos as rotinas de trabalho, de alimentação e de moradia, com o intuito de compreender os ganhos e as perdas motivadas pelas migrações.

Todas as entrevistas foram feitas e desenvolvidas a partir de um roteiro geral, produzido com base nas problemáticas da pesquisa. Após as entrevistas realizamos as transcrições de acordo com o “Manual de História Oral” de Verena Alberti. (2005). Sobre os aspectos técnicos do roteiro, da preparação das entrevistas e o modo de pesquisar, concordamos com Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, quando destacam que:

O ponto central que defendemos é a especificidade da entrevista de História oral que, distintamente de outras formas de coleta de depoimentos, deve estar sempre inserida num projeto de pesquisa e ser precedida de uma investigação aprofundada, baseando-se em um roteiro cuidadosamente elaborado. (AMADO, FERREIRA, 1996, P. xxiv)

No tocante à prática da pesquisa em história, a partir do uso de fontes orais, aprendemos que algumas características são imprescindíveis para a sua realização e elaboração. Um dos aspectos que podemos destacar sobre esta metodologia é a possibilidade de produzirmos novas fontes, de acessarmos outras visões dentro da história. Sendo em diferentes pesquisas e campos do conhecimento, pois a produção da fonte oral nos aproxima do outro, temos que ter a sensibilidade de enxergar o outro, suas experiências, seus sonhos, seus anseios suas expectativas e principalmente as suas lembranças.

A definição de história oral, está ligada, segundo Alberti (2010), à uma “história dentro de uma história”, ou seja, partimos de uma metodologia que visa escutar e compartilhar, analisar a experiência do outro, assim temos várias narrativas dentro de uma mesma história, que nos dá um leque de opções de análise, que fogem dos moldes de uma história oficial, que em alguns momentos visou apenas a história dos vencedores

e dos grandes heróis. Há que frisar que, de acordo com Amado e Ferreira: *Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros”*. (AMADO, FERREIRA, 1996, P.17)

Outro aspecto importante, que está ligado a História Oral, diz respeito à interdisciplinaridade, ou seja, ao diálogo entre diferentes disciplinas do campo do conhecimento, como, por exemplo, a antropologia, as ciências sociais, a psicologia dentre outras. Dentro desta metodologia, temos o exercício da interação humana, da análise de vivências e experiências vividas por diferentes pessoas.

Primeiramente, ela é um método que sempre foi essencialmente *interdisciplinar*, um caminho cruzado entre sociólogos, antropólogos, historiadores, estudantes de literatura e cultura, e assim por diante. De fato, ao longo de minha vida de pesquisador, sempre observei como determinadas disciplinas podem ser transformadas por novos modos de pesquisa, e vejo como uma força crucial da história oral que ela permaneça como uma forma fundamental de interação humana que transcende essas fronteiras disciplinares. (THOMPSON, 2000, P.10)

Através da realização de entrevistas, tencionamos conhecer os pontos de vista das pessoas envolvidas, com experiências traumáticas e, principalmente, suas lembranças, aspecto esse tão importante para o trabalho, ou seja, analisarmos as diferentes zonas de esquecimentos ou de lembranças, pensarmos o sentido de lembrar, de se emocionar com as experiências de vida das pessoas.

Dentro das discussões sobre memória, num esforço de definição, concordamos com Silva e Silva no Dicionário de Conceitos Históricos, que:

Segundo Jacques Le Goff, a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. (APUD. SILVA E SILVA, 2006, P. 1)

Desta forma entendemos que a memória é concebida como um espaço de se conservar ou descartar informações, um local complexo onde as pessoas guardam suas experiências, sejam elas traumáticas ou prazerosas, que elabora diferentes interpretações, em distintos momentos. Assim, por exemplo, podemos entrevistar pessoas mais de uma vez e, em que dado momento, a mesma não relata um fato, mas, já em outro, revela novas informações. A lembrança está entrelaçada junto ao esquecimento e pode estar ligada a experiências traumáticas ou alegres, à ideia de esquecer para conviver melhor, ou tentar apagar e desvencilhar da dor provocada por

uma memória, ou para legitimar uma experiência ou ocorrência traumática. Tudo isso está ligado à ideia de lembrar ou de esquecer. (THONSON, 1997)

Segundo Menezes a memória funciona como um mecanismo de seleção de fatos e acontecimentos, bem como de eliminação ou esquecimento. A ideia de se lembrar acontecimentos e experiências interessantes, ou de se esquecer relações ou memórias traumáticas. Pois bem, sobre memória e esquecimento, concordamos com o autor quando aponta que:

No nível mais elementar deste binômio – memória e esquecimento -, a memória não é considerada apenas um mecanismo de registro, conservação e recuperação. E quando falo em registro não é depósito puramente passivo, mais ativo, não é um almoxarifado; quando falo em retenção, não se trata de retenção pura e simples, mas daquela que implica reciclagem, reformulação etc, também presentes na recuperação. Mas de qualquer maneira, quando se pensa em memória, costuma-se pensar em aspectos de retenção, de registro, de depósito de informações, conhecimento ou experiências. No entanto, a memória é, também, um mecanismo de seleção, de descarte, de eliminação. Não é possível entender a memória sem entendê-la, também, e talvez mais ainda como mecanismo de eliminação: a memória é um mecanismo de esquecimento programado. (MENEZES, 2007, P.23)

Dentro das perspectivas e considerações sobre memória, podemos enfatizar a importância de se trabalhar com fontes orais. Assim podemos reelaborar um novo olhar sobre a história e memória da cidade de Ituiutaba, uma vez que a mesma, em muitos momentos, fora construída e pensada por membros de uma classe ligada as elites política e social, onde em muitas das suas considerações não pensaram em uma cidade construída por todos e para todos, ouvindo as diferentes vozes que aqui viviam e conviviam. Os membros dessa classe social são responsáveis pela construção de uma memória oficial na cidade de Ituiutaba, ou seja, via de regra, pertencem a famílias tradicionais da cidade, que possuem um status financeiro e social acima do restante da população local.

Dentro disso, temos a construção de uma vertente que analisa aspectos de uma memória oficial em confronto com uma memória de migrantes nordestinos que, em muitos momentos, não foram escutados. Muitas histórias destacadas nos jornais da cidade não contemplavam as diversas famílias e grupos sociais que não faziam parte das elites sociais ou eram produtores de arroz.

Entretanto, os indivíduos que não faziam parte dos grupos socialmente dominantes, também foram protagonistas em seus diferentes espaços de interação e

trabalho. Muitos trabalhadores, entre eles os migrantes nordestinos, ajudaram a construir a cidade de Ituiutaba, seja nas dimensões sociais, seja nas estruturais. Dentro do desenvolvimento social podemos enfatizar as diferentes trocas de experiências entre mineiros e nordestinos, já na parte estrutural, temos o trabalho nas lavouras e as construções civis em que muitos migrantes trabalharam.

Por mais que nordestinos migrantes e trabalhadores de forma geral não fossem retratados pelas notícias e anúncios de jornais, que a eles não se destinavam, eles foram de suma importância para o desenvolvimento social e econômico da cidade.

A história de Ituiutaba pode ser revisitada, assim, na perspectiva da cultura popular, visto que procuramos evidenciar o outro lado da história, tida como oficial, uma história da recuperação de fragmentos do vivido e recriado pelos sujeitos anônimos, cujas vozes e lembranças remontam o passado de uma forma diferente da que a oficializada. A cidade do arroz, das famílias tradicionais foi também o local da vivência dos muitos grupos sociais que não tiveram seus saberes, fazeres e práticas referendados ou inseridos no momento da dinâmica histórica oficial. (KATRIB, COIMBRA, 2013, P.13)

Em relação à construção da memória para pensarmos a cidade de Ituiutaba, procuraremos enfatizar duas vertentes: a ideia de uma memória coletiva e a de uma memória individual. Para pensarmos as diferentes vertentes, podemos enfatizar as considerações de Pollak, que destaca em primeiro momento que a memória pode ser analisada como algo individual, mesmo não sendo possível reduzi-la a apenas este aspecto e citando Maurice Halbwachs destaca que:

Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, sobretudo como um fenômeno coletivo social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes. (APUD, POLLAK, 1992, P. 201)

Lembrando, ainda, o que Le Goff adverte sobre o papel da memória coletiva:

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1990, P.250)

Dentro disso percebemos que a memória é um espaço complexo entre os indivíduos, sendo responsável pelas construções sociais e culturais de vários espaços, sejam eles na cidade, na família, num conjunto geral. Na memória individual temos a

lembrança de apenas um indivíduo, mas quando juntamos as diversas narrativas para analisar, percebemos alguns fatos e acontecimentos recorrentes, que ocorreram de modo semelhante, mas a forma que vivenciaram tais momentos é que as diferencia, construindo assim diferentes versões sobre as experiências passadas.

1.2 SOBRE AS FONTES PERIÓDICAS

Além das fontes orais utilizamos fontes periódicas para cruzar as informações dos entrevistados com aquelas noticiadas na imprensa. Para tanto, selecionamos para análise alguns periódicos da época, com recorte temporal que vai das décadas de 1950 a 1970.

Jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita (DE LUCCA, 2008, P.140)

Os jornais pesquisados para este trabalho foram: “Folha de Ituiutaba” (1952 a 1964), impresso em duas folhas. Esse periódico pertenceu a Ercílio Domingues da Silva, que era seu diretor, Geraldo Sétimo Moreira e Manoel Agostinho foram redatores. O jornal “Correio do Triângulo”, publicado entre 1959 a 1965, circulou com três folhas, e seu proprietário era Benjamin Dias Barbosa, seu diretor e redator foi Jayme Gonzaga Jayme; e por fim o jornal “Município de Ituiutaba”, voz oficial do município, que variava de quatro folhas e circulava em edições semanais.

Podemos enfatizar a importância das fontes periódicas para os diversos temas e temporalidades em nossa sociedade, assim trazemos a contribuição da autora Aline Morais Limeira, que em seu texto tem por objetivo apresentar tipos de fontes específicas na história da educação, analisando impressos e colunas educativas nos jornais da cidade do Rio de Janeiro, no século XIX. A autora também trabalha com anúncios, que circulavam na época, e enfatiza que os mesmos defendiam apenas aquilo que era de seus interesses, ou seja, é uma forma de apresentar apenas um lado das notícias. Outro aspecto enfatizado pela autora é o trabalho com a análise de discurso de um periódico, ou seja, por mais que pareçam noticiar fatos, propagandas ou anúncios de forma neutra, não podemos analisá-los desta forma. Os jornais representam aspectos e interesses

políticos, representam um discurso que muitas vezes é de interesse de certa classe dominante.

Neste sentido, é preciso estar atento para o fato de que num discurso em que se constrói a propaganda, em que se “vende” uma imagem, um serviço, um produto, só é percebido aquilo que as próprias instituições queriam fazer ser percebido de si mesmas e do sentido de escolarização que empregavam, das defesas e dos combates que elegiam como necessários e importantes. Um anúncio possibilita identificar o modo, a maneira pela qual o objeto pretende ser notado. (LIMEIRA, 2012, V.11 P.379)

Assim os periódicos foram de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho pois os mesmos circulavam na cidade de Ituiutaba no período pesquisado, e uma vez que representavam um projeto político e social daquela época. Para analisarmos estas fontes devemos desconstruir a ideia de neutralidade que circula até os dias atuais em relação aos espaços jornalísticos e midiáticos, ou seja, devemos analisá-los de forma que possamos perceber seus interesses e intenções e de que lado estão.

Estrategicamente, narram aquilo que passou selecionando interesses, atuando num jogo desequilibrado de forças. Forjam, legitimam e retificam valores, ideias, projetos, mobilizam discursos na produção de verdades, operam na eleição dos fatos que chegam ao público e na forma como os mesmos devem ser recebidos. (LIMEIRA, 2012, V.11 P.369)

Podemos destacar ainda que na época de circulação dos jornais, eram poucos os trabalhadores nordestinos que sabiam ler, ou seja, em muito dos casos quem possuía acesso aos jornais eram pessoas letradas, ligadas a uma determinada classe social elitista e que defendia seus interesses através da mídia e das notícias nos jornais. Notamos que os nossos entrevistados apenas conseguiam assinar o próprio nome, os mesmos relataram que frequentaram muito pouco a escola, pois em suas cidades natais tinham que trabalhar desde jovens para o sustento de suas famílias.

As análises relativas às fontes periódicas demonstraram o tipo de discurso adotado pelos periódicos, as imagens que procuravam construir da cidade, bem como as formas de registrar o cotidiano. Percebemos que às mesmas se preocupavam em representar a cidade apresentando as formas de trabalho, o que estava sendo produzido na cidade e no campo, nas lavouras. Um aspecto pouco tratado nos periódicos foram notícias específicas sobre os migrantes nordestinos, mas as que localizamos serão analisadas ao longo do trabalho.

Apresentamos no primeiro capítulo algumas considerações sobre a problemática do fenômeno das migrações articulando-o ao contexto sociopolítico e econômico brasileiro no período recortado para este trabalho, décadas de 1950, 1960 e 1970. Situando, neste universo, a migração nordestina para o município de Ituiutaba, desenhando, também o contexto regional e local e as suas especificidades face a realidade macro, buscando compreender o universo mais geral e também aquele mais específico no qual foram inseridos ou se inseriam os migrantes nordestinos. Para a construção do capítulo lançamos mão de historiografia sobre o período e a temática do trabalho, bem como a análise de alguns periódicos que circulavam na região.

Para a apresentação em linhas gerais da cidade de Ituiutaba usaremos os jornais que foram citados acima. Investigamos os mesmos como uma visão não neutra, que busca perceber as diversas lutas e discursos em meio as suas publicações, propagandas e notas. A estrutura do primeiro capítulo deste trabalho possui também o objetivo de apresentar as diferentes características da cidade de Ituiutaba e suas ligações com o espaço macro, ou seja, situar o espaço micro da cidade de Ituiutaba no espaço macro do Brasil.

No segundo capítulo, discutimos a experiência dos migrantes nordestinos e o contato com a terra e com os mineiros, buscando perceber suas relações, desafios, preconceitos e lutas nos diferentes espectros de suas realidades. Neste capítulo, buscamos refletir acerca das seguintes questões: como os nordestinos chegaram na cidade de Ituiutaba? Quais as estratégias dos migrantes e suas lutas diárias? Como eram as suas relações com os fazendeiros? Como funcionava o processo para se conseguir trabalho em uma fazenda? Quais as memórias sobre a terra natal? As justificativas usadas para migrar? O segundo capítulo foi construído principalmente por meio das memórias de migrantes nordestinos.

2.0 CAPÍTULO I: SITUANDO ITUIUTABA NA ROTA E NO CONTEXTO DA MIGRAÇÃO

2.1 MIGRAÇÃO

Apresentamos neste primeiro capítulo algumas considerações sobre a problemática do fenômeno das migrações, articulando-o ao contexto sociopolítico e econômico brasileiro no período recortado para este trabalho, décadas de 1950, 1960 e 1970. Situando, neste universo, a migração nordestina para o município de Ituiutaba, abordando o contexto regional e local e as suas especificidades face a realidade macro, buscando compreender o universo mais geral e também aquele mais específico no qual foram inseridos ou se inseriram os migrantes nordestinos. Para a construção do capítulo lançamos mão de historiografia sobre o período e sobre a temática do trabalho, bem como a análise de alguns periódicos que circularam na região.

No Brasil possuímos um quadro marcado por diferentes ondas migratórias, causadas por fatores relacionados às questões sociais e econômicas dos Estados brasileiros. Dentro disso as motivações que englobam as migrações dizem respeito a fatores diversos, como por exemplo, desastres ambientais, busca por melhores condições de vida, fatores econômicos e sociais entre outros. Especificamente os fatores que mais foram recorrentes e presentes em nossa pesquisa dizem respeito à busca por melhores condições de vida social e econômica. O migrante nordestino buscava essa melhora na vinda para o município de Ituiutaba, bem como para outras regiões.

O século XX, no qual está inserido o nosso recorte, foi marcado por fortes ondas migratórias em diferentes lugares pelo mundo. Trata-se de um século marcado pelos desdobramentos provocados pelos processos de industrialização, aspecto esse marcado pela Revolução Industrial Inglesa do século XVIII e meados do século XIX, e que repercutiu por vários outros países alterando modos de vida. Através da industrialização ocorrida em diversos países, e de outros processos específicos, temos o aumento da necessidade de mão de obra, por um lado, e migrantes que estão fugindo da fome, de doenças, da falta de oportunidades ou em busca por melhores condições de vida, que deixam seus locais de origem.

O século XX tem sido um século de migrações, pelos quatro cantos do mundo, em todas as direções. São desempregados, desabrigados, refugiados, perseguidos, desamparados. São indivíduos e familiares,

grupos e coletividades. São muitos, milhares, milhões. Movem-se em todas as direções, atravessando territórios e fronteiras, nações e continentes, culturas e tradições. São migrantes, emigrantes, imigrantes, retirantes, errantes. Parecem tangidos por algo imponderável e invisível, escondido nas condições de vida e de trabalho, no meio de guerras e revoluções, nos desastres ecológicos e nas epidemias, mesclando carências e esperanças. (IANNI, 2004, p. 160,161)

O fenômeno da migração consiste no deslocamento de pessoas entre países e regiões. No Brasil, diferentes fatores têm sido responsáveis por desencadear ondas migratórias. Neste sentido buscamos analisar o processo migratório que ocorreu nos anos de 1950 a 1970 no município de Ituiutaba. Os indivíduos que aqui chegaram, naquela época, eram naturais de vários Estados da região nordeste, especialmente do Rio Grande do Norte e Paraíba, e normalmente chegavam na região em busca de trabalho e melhor remuneração. Como foram centenas de migrantes nordestinos que desembarcaram e trabalharam em Ituiutaba, não podemos afirmar de forma generalizante qual tipo de trabalho desenvolveram naquele período. O que podemos afirmar é que, em sua grande maioria, os migrantes nordestinos vinham para trabalhar no campo, exercendo múltiplas funções que veremos com maior ênfase no segundo capítulo.

Dentro disso, as ondas migratórias dizem respeito a vários setores da sociedade e representam, na maioria das vezes, um choque cultural entre os indivíduos advindos das diferentes regiões locais ou mundiais.

De acordo com Octavio Ianni:

Todo aquele que migra sabe de onde parte, mas não sabe onde chega; sabe o caminho que deixa mas não sabe qual encontra. Lança-se em uma travessia sem fim, acreditando-se sempre o mesmo, mas poucas vezes dando-se conta de que se preserva e se transforma, reafirma e transfigura, afina e desafina. Lá longe, em outro lugar, país ou continente, continua a rememorar a partida e o caminho percorrido, recriando situações, pessoas, vivências, imagens, diálogos, sentimentos, memórias, fragmentos, esquecimentos. É assim, com recordações e esquecimentos, que o migrante nutre a nova situação, seja ela de êxito, seja de frustração. (IANNI, 2004, p.153)

Os migrantes buscam melhores condições de vida em outras regiões, sejam elas as condições econômicas ou o amparo social. A memória e o esquecimento fazem parte da construção do imaginário, seja ela para nutrir a esperança de melhores condições de vida, ou para justificar sua volta para a terra natal. No imaginário do migrante se

constrói a ideia de que na terra futura as condições sociais serão melhoradas, mas se esquece dos conflitos regionais que permeiam diferentes lugares e regiões do mundo.

Em algumas situações os residentes das regiões que recebem os migrantes, sejam eles do mesmo país ou de diferentes lugares do mundo, não os enxergam como pessoas que estão buscando melhores oportunidades, e que muitas vezes as mesmas não estão presentes em todos os locais. O Estado não se atenta, na maioria das vezes, pelos interesses dos menos favorecidos, deixando-os à margem da sociedade, reproduzindo as condições de desigualdades sociais, que reforçam o discurso de dominação de sujeitos por sujeitos

Migrar, portanto, tem sempre um sentido ambíguo – como uma imposição das condições econômicas e sociais ou ambientais – e, nesse caso, ela aparece no mais das vezes como um dos mais fortes elementos que explicariam uma destinação do ser nordestino, mas também como uma escolha contra a miséria e a pobreza da vida no sertão. Migrar é, em última instância, dizer não à situação em que se vive, é pegar o destino com as próprias mãos, resgatar sonhos e esperanças de vida melhor ou mesmo diferente. O problema está no fato de que numa vasta produção discursiva, retirou-se do migrante a sua condição de sujeito, como se migrar não fosse uma escolha, como se ele não tivesse vontade própria. Migrar pode ser entendido como estratégia não só para minimizar as penúrias do cotidiano, mas também para buscar um lugar social onde se possa driblar a exclusão pretendida pelas elites brasileiras através de seus projetos modernizantes. (GUILLEN, 2002, v.1, p. 226-236)

Iremos apresentar algumas considerações sobre aspectos ligados a migração em um âmbito geral no Brasil, que não podem ser tomados como características gerais das migrações da época. Podemos assim enfatizar que a migração é um tema bastante amplo e se apresenta de formas diferentes, em cada lugar, em cada momento, ainda mais se tratando do Brasil, país grande em dimensões territoriais e populacionais. Neste trabalho iremos apresentar ainda um tópico referente a história regional e local, assim poderemos perceber que uma visão geral dos grandes centros não dá conta de enfatizar especificidades de todas as regiões ou localidades. Ainda neste mesmo tópico poderemos perceber algumas especificidades do município de Ituiutaba nas décadas de 1950, 1960 e 1970.

O fenômeno da migração pode ser definido como um espaço de mobilização das diversas populações, a necessidade de migrar pode ser ocasionada por diferentes justificativas ou acontecimentos. Segundo Becker:

A migração pode ser definida como mobilidade espacial da população sendo um mecanismo de deslocamento populacional, reflete mudanças entre as relações entre as pessoas (Relações de Produção) e entre essas e o seu ambiente físico. (BECKER, 1997, p. 323)

Entendemos como migração o deslocamento pela necessidade, em busca de novas oportunidades e condições de vida, assim os aspectos migratórios não estão apenas baseados em dados quantitativos, ou de censos demográficos, entendemos o mesmo como uma luta social, cultural e que representa diversas formas de desigualdades sociais e de um povo que menos tem. Podemos perceber que as migrações mudam em diferentes âmbitos, pois interferem nas relações das pessoas, como destacou Becker, temos as mudanças nos aspectos de produção, ou seja, muitos migrantes se deslocam para trabalhar em diferentes ramos, a especificidade de nosso trabalho diz respeito a aspectos ligados ao trabalho braçal de centenas de nordestinos.

A migração pode nos trazer amplas reflexões para o nosso trabalho e não pode ser vista apenas por uma questão de estatística, como um processo natural. Dentro dos aspectos migratórios temos questões familiares, temos sentimentos, família, educação, e diferentes costumes e culturas, temos assim características que vão além de censos demográficos e quantitativos.

A temática da qual estamos tratando neste trabalho, diz respeito às migrações internas no Brasil, tendo como recorte espacial a cidade de Ituiutaba e recorte temporal as décadas de 1950 a 1970. Através do trabalho de Olga Becker, temos uma análise mais densa e geral dos aspectos migratórios presentes em diferentes âmbitos. A autora destaca que as migrações, os movimentos populacionais que estão situados nas décadas de 50 a 60 são por consequências estruturais, onde a modernização no campo e principalmente do desenvolvimento de algumas regiões, especialmente no Sudeste temos o espaço para as migrações. Olga Becker, destaca que:

Intensos fluxos de caráter rural-urbano ocorreram nas décadas de 50 e 60, representativos de um período marcado por crescente concentração fundiária e pela industrialização nos grandes centros urbanos do sudeste brasileiro. Estabeleceram-se migrações interestaduais de longa distância na década de 1970, especialmente a de nordestinos para o eixo Rio de Janeiro – São Paulo e a de sulistas para as áreas do centro-oeste e Amazônia, responsáveis pela expansão e consolidação do mercado de trabalho a nível nacional. (BECKER, 1997, p.321)

Percebemos através do fragmento do texto de Becker que a migração neste período ocorreu de forma intensa para a região sudeste, entre as cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, através da modernização do campo e das mudanças em relação as indústrias neste período.

Conforme a autora, os movimentos de migrações podem ser analisados em diferentes âmbitos, ou seja, os deslocamentos em meio aos espaços sociais, podem ser percebidos por discussão neoclássica ou neomarxista. Sabemos que a migração pode ser causada por inúmeros fatores, sociais, econômicos, dentro deste aspecto podemos também ter diferentes formas de análise de migração. Através disso buscamos perceber os diferentes enfoques, caracterizar aspectos neoclássicos e os aspectos neomarxistas, para que possamos melhor analisar o fenômeno migratório.

Dentro das perspectivas de análises migratórias até os anos 70, os fluxos migratórios eram analisados de forma individual, conhecida como neoclássica, através de censos demográficos e estatísticas. Desta forma a chave principal de análise se dava pela vontade pessoal de migrar não levando em conta, por exemplo, os aspectos que dizem respeito ao capital, ou seja, levar em conta as desigualdades sociais, as desigualdades em relação às regiões mais, ou menos desenvolvidas.

Tal análise se torna incompleta pois se leva em conta uma vontade pessoal, e que não analisa ou reflete sobre os problemas sociais encontrados nas diferentes regiões do Brasil. Segundo Becker os trabalhos produzidos sobre os diversos movimentos migratórios eram basicamente uma descrição de tais fenômenos e não se preocupava em destacar os aspectos microrregionais, os problemas sociais que colaboravam para os fluxos migratórios.

Nessa abordagem não se analisava os movimentos migratórios considerando as questões do meio social, não se levava em consideração a busca por melhores condições de vida, não levando em conta as perspectivas gerais da sociedade, que giram em torno de oportunidade e emprego para todos. Assim o que tínhamos era uma percepção de que as pessoas migravam apenas por migrar, apenas por uma vontade pessoal de se deslocarem do seu local de origem, deixando de lado as questões exógenas.

Até os anos 70, o fenômeno migratório era considerado a partir de uma perspectiva neoclássica, dentro de uma visão predominantemente descritiva e dualista. Estudavam-se os movimentos migratórios

especialmente através de mensuração dos fluxos demográficos e das características individuais dos migrantes. Do ponto de vista espacial, a análise estatística de fluxos (linhas) e de aglomerações (pontos) era favorecida em detrimento da visão histórico-geográfica de uma formação social. Tal concepção levava a um modelo redutivo da realidade onde a sociedade era considerada sob um enfoque individualizado, atomístico: cada pessoa buscava maximizar suas necessidades. A decisão do migrar era percebida como decorrente apenas da “decisão pessoal” e não pressionada ou produzida por forças sócio-econômicas exógenas. (BECKER, 1997, p.323)

Por outro viés de análise temos as considerações dos neomarxistas, que significa um outro olhar sobre os diferentes movimentos migratórios em meio a sociedade, os mesmos defendiam que de forma geral as migrações possuíam um caráter estrutural, social que estava ligado à busca do capital por mão de obra e a exploração da mesma.

Outro aspecto diz respeito às desigualdades sociais, em que muitos trabalhadores ao chegarem para trabalhar, em condições vulneráveis, eram submetidos à exploração. Nesta perspectiva de análise temos o trabalho como a sujeição ao capital, ou seja, muitos migrantes mudavam de suas terras de origem em busca de novos empregos e também melhores remunerações.

Entretanto, além da análise marxista destacar a importância do coletivo e de um grupo socioeconômico, como mão de obra assalariada, temos a migração, segundo esta análise, como forma de expansão de mercado de trabalho por meio das oportunidades de emprego e nas diferentes levas de pessoas em diferentes locais.

Entretanto, além dessa definição administrativa, outra poderia ser considerada a partir da discussão neomarxista: migrantes são todos aqueles que seguem os movimentos do capital sob a condição de força de trabalho assalariada, ou potencialmente assalariada. Assim, enquanto no enfoque neoclássico a categoria migrante corresponde ao “indivíduo”, na visão neomarxista se refere a uma classe social, ou melhor, a determinados grupos socioeconômicos. (BECKER, 1997, P.342)

As análises presentes neste tópico são importantes, pois nos permite perceber de forma mais ampla as diferentes linhas de pesquisa em relação às migrações, ou seja, as características que se levava em conta para análise dos movimentos migratórios. Podemos perceber ainda que, os movimentos migratórios são analisados de maneira interdisciplinar, dialogando com outras disciplinas do campo do conhecimento, como a Geografia e Ciências Sociais. No próximo tópico iremos apresentar, de forma ampla e

geral, como se configurava o Brasil naquele período, aspectos macro que influenciaram movimentos migratórios em algumas regiões do Brasil, principalmente as regiões Nordeste e Sudeste.

2.2 O BRASIL NA DÉCADA DE 1950

Antes de entrarmos no objeto principal, fio condutor deste trabalho, a migração nordestina em Ituiutaba nas décadas de 1950, 1960 e 1970, devemos desenvolver algumas considerações sobre o momento político, social e econômico nessa época. Iremos destacar alguns projetos desenvolvidos pelo governo JK e os seus principais impactos para a sociedade brasileira naquele momento, que são de suma importância para a compreensão do contexto analisado, em especial as consequências do nacional-desenvolvimentismo, projeto principal do governo JK, junto com a construção de Brasília.

Segundo o texto de Vânia Moreira, que se localiza no livro três da coleção “O Brasil Republicano” (2008), a autora destaca que o governo Juscelino Kubistchek (1956-1961) fora o mais estável democraticamente, e o “que se destacou como homem público de ação”. O governo JK adotou como sua principal medida o nacional-desenvolvimentismo, como um estilo de governo, um projeto político para o Brasil tendo como fio condutor o plano de metas, que segundo a autora era um documento essencialmente econômico.

Outro projeto que foi marcante no governo JK foi a construção da nova capital do Brasil, Brasília, fomentando assim um parque industrial de empregos, não só pela construção da capital, mas também pela ampliação no parque industrial. O plano de metas destacava as diretrizes e os campos que seriam investidos, bem como: energia, transporte, indústria, educação e posteriormente a construção de Brasília.

As metas do governo JK seriam, em sua maior proporção, desenvolvidas a partir do capital estrangeiro. Na época o slogan do desenvolvimento nacional destacava que o avanço na sociedade seria para todos, ou seja, conseguindo alcançar os mais e os menos favorecidos, podendo assim desenvolver uma sociedade com menos desigualdades sociais.

Para muitos contemporâneos de JK, aliás, o impressionante desenvolvimento econômico justificava considerar o projeto nacional-

desenvolvimentista como a “revolução industrial brasileira”. Contudo, o modelo de industrialização adotado por JK, à parte certa especificidade, baseado na maior presença do capital estrangeiro, não era algo novo no Brasil. (MOREIRA, 2008, p.161)

Segundo a autora esse slogan não se consolidou para toda a sociedade brasileira, por mais que o governo tenha alcançado alguns avanços nos campos industriais e nas cidades, as populações que viviam no campo estavam sendo esquecidas pelo avanço do nacional desenvolvimentismo. Um dos aspectos que podemos enfatizar, destacados pela autora, seria a “Marcha para o Oeste”, onde tinha como objetivo a criação de estradas e grandes propriedades rurais, assim as populações ribeirinhas, indígenas e parte da população rural estava desprotegida socialmente.

O eufemismo “desenvolvimento nacional” definia o projeto de industrialização do ISEB e do governo JK, que era, no entanto, liberal, burguês, capitalista. Mas a “ideologia do desenvolvimento nacional”, sobretudo na versão juscelinista, ocultava a dimensão de classe subjacente ao projeto nacional-desenvolvimentista. Ofertava o “desenvolvimento nacional” como algo de todos e para todos, cujo o resultado final seria a transição do Brasil para o mundo das nações ricas, modernas, e portadoras do bem-estar social. (MOREIRA, 2008, p.165)

Outro aspecto que podemos destacar seria o projeto ruralista que está entrelaçado com a “Marcha para o oeste”, ou seja, o interesse dos políticos ruralistas nas possibilidades que o setor da agropecuária poderia ter com o avanço de novas terras no interior do Brasil. Temos assim um pacto tácito entre os setores dos representantes rurais e os representantes das indústrias. (MOREIRA, 2008.)

No âmbito geral o nacional-desenvolvimentismo fomentou alguns setores da sociedade, como indústrias, criação de empregos, mas não conseguiu beneficiar a maioria da população brasileira, que continuou à margem da sociedade, no aspecto que diz respeito à cidadania. Isso por que a reforma agrária não ocorreu, e nem a criação dos direitos trabalhistas para a população rural, percebemos então que os maiores beneficiados com o nacional-desenvolvimentismo em sua maioria, foram os empresários e os latifundiários, pois segundo a autora naquele momento 70% da população no Brasil vivia em zonas rurais.

Mas enquanto o pacto industrial-agrário do nacional-desenvolvimentismo conseguiu salvar a “frágil” democracia brasileira, sacrificou bastante a cidadania. A maior parte da população nacional, cerca de 70%, vivia em zonas rurais. (MOREIRA, 2008, p.190)

A partir deste tópico, percebemos algumas medidas e características do recorte temporal de nossa pesquisa, aspectos macro, mas que influenciaram nos aspectos micro regionais. Pois bem, a história regional e local se faz interessante não só por este, mas por outros aspectos em analisar e estudar as particularidades das regiões. Um aspecto que nos chamou a atenção em nossa pesquisa é o aumento do número de migrações rural-urbana principalmente nas cidades maiores do Brasil.

Por todas as razões expostas, a historiografia regional é também a única capaz de testar a validade de teorias elaboradas a partir de parâmetros outros, via de regra, o país como um todo, ou uma outra região, em geral, a hegemônica. Estas teorias, quando confrontadas com realidades particulares concretas, muitas vezes se mostram inadequadas ou incompletas. (AMADO, 1990, p.13)

Em nossa pesquisa, percebemos que a migração que ocorreu em nossa região, no recorte de finais da década de 40 até início de 1970, provocou um aumento da população rural em relação à população urbana, temos, portanto uma particularidade que no cenário nacional ocorreu de forma contrária, ou seja, enquanto nos grandes centros as migrações eram de cunho rural-urbana, no município de Ituiutaba era de cunho urbano-rural, isso ocorreu devido ao fato de cultivo em grande escala de arroz e as outras plantações que fazia do campo um espaço amplo para diferentes tipos de trabalho.

2.3 IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL

A história regional e local nos permite estudar as particularidades de determinadas localidades, nos auxiliando a não cometer generalizações em relação ao contexto histórico de regiões específicas com base em determinado momento da história do país. Tem-se diferentes situações que precisam ser analisadas de forma particular, pois nem todos estes momentos e situações podem ser representados por um cenário nacional, ou seja, a história local e regional, nos permite analisar os aspectos micro que muitas vezes difere da dimensão do espaço macro.

Podemos ter como exemplo o seguinte aspecto: enquanto a população urbana aumentava em grandes cidades da região Sudeste, no início das décadas de 1950 e 1960, motivadas pelas migrações de cunho rural-urbana como vimos no tópico sobre migração com Becker (1997), no município de Ituiutaba essa situação era o inverso, ou seja, a população urbana não somente era menor do que a população rural, como a partir dos anos 1940 até o final da década de 1960 houve um aumento significativo em função do

processo migratório, que teve como destino esta região, em função das lavouras de grãos, especialmente da cultura do arroz. Essa realidade é constatada, com maior ênfase, na tabela que traz os números do censo populacional, que se encontra na página 42, e que traz as informações sobre a população rural e urbana do município de Ituiutaba, nas décadas de 1950 a 1970. Através dos dados podemos perceber que a população rural aumenta dos anos 1940 a 1960, tendo uma queda apenas a partir dos anos 1970, enquanto a população urbana tem uma elevação a partir desta década em função do êxodo rural. Desta forma:

A História Local nascia, aliás, como possibilidade de confirmar ou corrigir as grandes formulações que haviam sido propostas ao nível das histórias nacionais. A História Local – ou História Regional, como passaria a ser chamada com um sentido um pouco mais específico – surgia precisamente como a possibilidade de oferecer uma iluminação em detalhe de grandes questões econômicas, políticas, sociais e culturais que até então haviam sido examinadas no âmbito das dimensões nacionais. (BARROS, 2013, p.8,9)

Este trabalho, por enfatizar questões singulares do município de Ituiutaba, apresenta algumas considerações sobre a importância da história regional e local visando fundamentar a sua contribuição. Pois bem, concordamos com Durval Muniz de Albuquerque quando o autor destaca que o conceito de região está ligado às diferentes subjetividades que estão presentes em várias localidades.

A ideia de região em primeiro momento nos causa um pensamento de um lugar pronto e acabado, assim podemos nos indagar o que é uma região além de um espaço, um recorte em um determinado território? Concordamos com Durval Muniz de Albuquerque quando o mesmo afirma que região é um espaço de construção e desconstrução em meio à sociedade, assim as subjetividades de cada região e de cada localidade constrói as diferentes regiões, cada qual com suas particularidades, diferente do que se concebia anteriormente:

A região se constitui, assim, num objeto fixo, já dado, um objeto evidente, não-problemático: um objeto constituído por uma realidade inquestionável, um referente de uma materialidade positiva e auto-expressiva. (ALBUQUERQUE, 2008, p.56)

As regiões possuem um papel fundamental para a construção de identidades, signos, culturas, pois cada uma se constrói de acordo com sentimentos e subjetividades que estão entrelaçados com as pessoas de tal localidade. Percebemos assim que as regiões são construídas através de pessoas

que possuem sentimentos, subjetividades, e por seus aspectos políticos, econômicos e sociais.

A região se expressa em jeitos de corpos, em gestos, em modos de vestir, de se alimentar, de beber, de dançar, de andar, de se pôr de pé ou de sentar. A região ao ser subjetivada, ao ser encarnada, ela conformará os corpos e os processos subjetivos. (ALBUQUERQUE, 2008, p.61)

O estudo da história regional e local se dá em grande parte a partir da construção e desenvolvimento da interdisciplinaridade, ou seja, esse campo do conhecimento nos põe em diálogo com outras ciências, como por exemplo a Geografia e a Literatura. Sobre a Geografia, por exemplo, podemos enfatizar os diferentes conceitos de território, região e espaço que estão presentes na construção do conhecimento.

A interdisciplinaridade entre a História e a Geografia é estabelecida, entre outros aspectos, através dos já referidos conceitos de “espaço”, “território”, “região”, e é sobre eles que passaremos a refletir nas próximas linhas. Em uma dos seus muitos sentidos possíveis, o espaço pode ser abordado como uma área indeterminada que existe previamente na materialidade física (e, neste caso, ainda não estaremos considerando as noções de ‘espaço social’, de ‘espaço imaginário’ e de ‘espaço literário’ que já foram mencionadas). (BARROS, 2013, p.2,3)

Ainda dentro dos aspectos ligados a interdisciplinaridade, temos a contribuição de Janaina Amado, que em seu trabalho enfatiza a importância da Geografia nos estudos de região, de História regional e local, e de como os próprios geógrafos deixaram de considerar região como um lugar estático e fixo, mas sim como um espaço em movimento, em construção e desconstrução. Passaram a considerar e analisar os aspectos sociais e econômicos, considerando a ação humana no processo de construção de um espaço específico.

A autora Janaina Amado ao discutir sobre as mudanças no conceito de região apresenta que:

Não por acaso, o encontro dos historiadores com a questão regional coincide com o momento em que o conceito de “região” passa por profundas transformações, propostas principalmente pelos geógrafos. Muitos geógrafos têm abordado a antiga e difundida utilização determinista do conceito como sinônimo de “região natural”, isto é, de um conjunto relativamente homogêneo de elementos naturais – tais como clima, relevo, vegetação, hidrografia etc -, cuja influência se sobrepõe à ação humana e até mesmo a determina. (AMADO, 1990, p.8)

Continuando a reflexão sobre as contribuições do diálogo entre a Geografia e a História para a ampliação do conceito e conseqüentemente das pesquisas sobre a região a autora acrescenta que:

A partir da chamada "geografia crítica" (que incorpora as premissas do materialismo dialético e histórico), alguns geógrafos têm proposto um novo conceito de região, capaz de apreender as diferenças e contradições geradas pelas ações dos homens, ao longo da História, em um determinado espaço. Para estes geógrafos, a organização espacial sempre se constitui em uma categoria social, fruto do trabalho humano e da forma dos homens se relacionarem entre si e com a natureza. Partindo desse quadro teórico, definem "região" como a categoria espacial que expressa uma especificidade, uma singularidade, dentro de uma totalidade: assim, a região configura um espaço particular dentro de uma determinada organização social mais ampla, com a qual se articula. (AMADO, 1990, p.8)

Outro aspecto que podemos enfatizar sobre a História regional e local seria que ela, a região, é resultado de uma luta de poder na sociedade, ou seja, os diferentes tipos de lutas que temos socialmente contribuem para a construção e desconstrução da região. Entendemos que região não é um local estático, apenas físico, mas sim um campo de abstração e lutas que resultam em diferentes tipos de culturas e signos, que compõem e forma uma região.

A região não é uma unidade que contém uma diversidade, mas é produto de uma operação de homogeneização, que se dá na luta com as forças que dominam outros espaços regionais por isso ela é aberta, móvel e atravessada por diferentes relações de poder. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 26)

Assim através deste tópico podemos perceber a importância da História local e regional para os estudos e pesquisas, pois nos auxilia para que não incorramos em generalizações sobre acontecimentos políticos, sociais e econômicos, por exemplo. Mas, principalmente para situar a dimensão da contribuição nordestina, que por meio do processo migratório imprimiram a sua marca na região, sendo que muitas famílias aqui permaneceram, e que este trabalho tem o objetivo de registrar.

2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MUNICÍPIO DE ITUIUTABA 1950 e 1970

Indagamos neste tópico como o município de Ituiutaba atraiu e recebeu diversos migrantes, desta forma é necessário abordar sobre o contexto específico da região nas décadas de 1950 a 1970. Assim, para melhor embasarmos nosso trabalho recorreremos à monografia do professor e pesquisador Renato Mateus, intitulada como "A dinâmica da

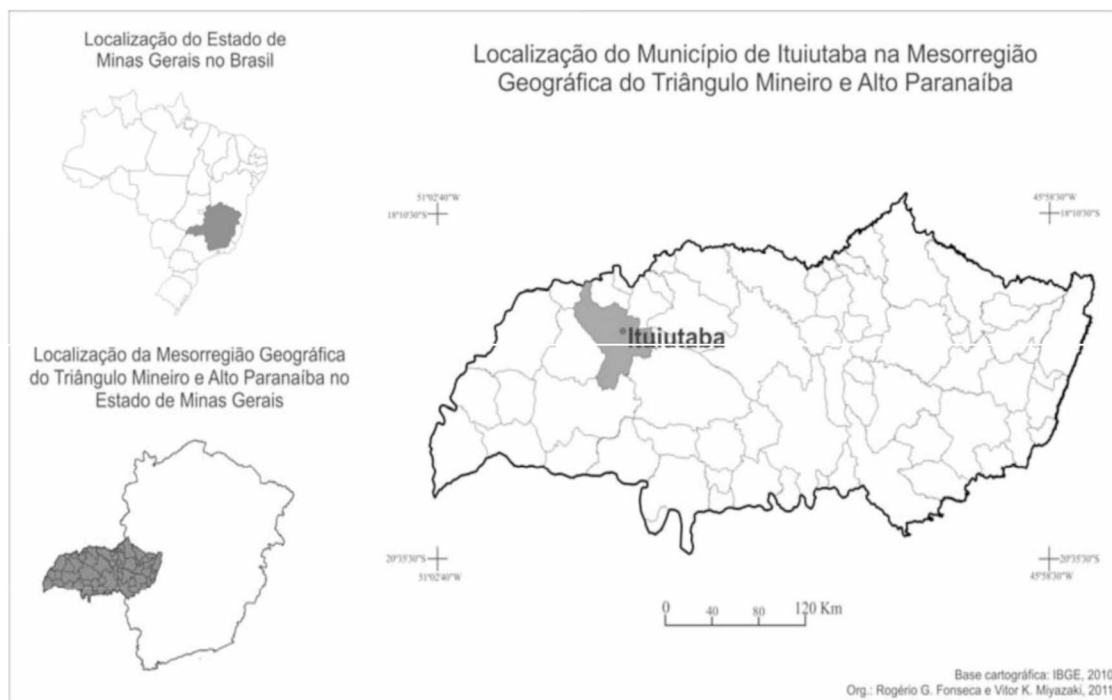
agricultura do cerrado: do apogeu do arroz a modernização do campo na região de Ituiutaba-MG 1946-1974.

Na figura abaixo, MAPA1, temos a representação cartográfica com a localização do município de Ituiutaba, com as delimitações políticas e territoriais atuais. No momento em que ocorreu o fluxo migratório, no final da década de 1940 até o início da década de 1960, tínhamos outra delimitação política territorial, quando a região de Ituiutaba era composta por outros distritos, que hoje são municípios separados territorialmente e politicamente. Naquela ocasião os municípios de Santa Vitória, Ipiaçu, Capinópolis, Cachoeira Dourada e Gurinhatã, faziam parte do território político de Ituiutaba.

O município de Santa Vitória teve sua emancipação de Ituiutaba no ano de 1948, Capinópolis no ano de 1953 e os municípios de Ipiaçu, Gurinhatã e Cachoeira Dourada se emanciparam em 1962. Tais informações são de suma importância para o nosso trabalho pois nos permite localizar territorialmente o recorte e o local de nossas pesquisas, uma vez que os migrantes que vieram para o município de Ituiutaba, em alguns momentos nas entrevistas, relatam que trabalharam na região de Ituiutaba, mas é importante sinalizar que, dependendo do período, o município de cidade era composto por um espaço territorial maior. Estas informações precisas estão presentes no trabalho das pesquisadoras ALVES, P. MELO, SOARES (2008), que tratam da formação econômica e social nos municípios de Santa Vitória e Ipiaçu e a fragmentação do município de Ituiutaba.

A emancipação dos respectivos municípios ocorreu no período do auge da cultura do arroz na microrregião, que trouxe reflexos na economia alterando o estilo de vida e as condições econômicas da população que aqui residiam, registrando um significativo aumento nos índices sociais e econômicos da região. (ALVES, P. MELO, Nagela Aparecida de. SOARES. Beatriz Ribeiro. 2008, p.5)

Mapa 1 – Localização Atual do município de Ituiutaba



Base cartográfica IBGE. ORG. Rogério G. Fonseca e Vitor K. 2011 (APUD, BORGES, SOUSA, 2013, P.2)

O município de Ituiutaba nas décadas de 1930 e início da década de 1940 sofreu mudanças em relação ao tipo de agricultura desenvolvida, ou seja, passou-se da agricultura de subsistência, para agricultura comercial. Neste período começa a instalação das máquinas de beneficiar arroz, tanto no campo, como na cidade. O município passou, a partir da década de 1940, por um significativo crescimento econômico, com o desenvolvimento da orizicultura, o cultivo de arroz na região. Ituiutaba, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa (IBGE), ficou conhecida como a capital do arroz em 1950 e 1960, quando a produção deste grão foi elevada, devido à sua grande capacidade de produção e também pelo clima favorável ao desenvolvimento desse cultivo. Conforme o trabalho de Katrib e Coimbra:

O período do ciclo da produção de arroz é julgado como o momento econômico mais importante para a cidade, em especial, o que compreende a década de 1950. No início desta década, o município foi considerado o maior produtor de arroz do Estado de Minas Gerais, destacando-se também, com uma grande produção de milho. (KATRIB, COIMBRA, 2013, P.14)

Nesse período a cidade não possuía mão de obra suficiente para abarcar o trabalho nas lavouras, bem como para a limpeza da terra para o plantio, considerando

ainda não serem populares, naquele período, os maquinários hoje utilizados. Assim se configura a realidade que motivou a chegada dos nordestinos, ou seja, com a mudança na agricultura de subsistência para a agricultura comercial se dá a abertura dos diversos campos de trabalho para os nordestinos que começaram a vir em massa no final da década de 1940 e início de 1950. Renato Mateus apresenta que:

Diante de algumas possibilidades de investigação, optei pelo recorte temporal entre os anos de 1950 e 1970, período instigante para o município de Ituiutaba, que vivia um forte crescimento econômico, atrelado a um processo de êxodo rural, à urbanização e ao ascendente incremento das relações entre a orizicultura e a indústria de beneficiamento desse produto, que contava basicamente com as “máquinas de arroz”, instaladas em número considerável para uma cidade interiorana. (MATEUS, 2013, P. 9)

O cultivo de arroz era o principal produto da agricultura e produção do município de Ituiutaba nas décadas de 1950 e 1960, mas outros tipos de atividades agrícolas também foram de suma importância para o crescimento produtivo, que incentivou a necessidade de mão de obra, motivando a migração para a cidade mineira. Segundo a Enciclopédia Brasileira de Municípios, referente ao Estado de Minas Gerais e o município de Ituiutaba, as principais atividades da época estavam ligadas ao cultivo de arroz, milho, algodão, mandioca, feijão, laranja, banana dentre outras.

Por meio da tabela abaixo podemos perceber sobre a produção de alimentos no município de Ituiutaba em 1955, observando que o arroz era o principal produto, e também outros itens com os respectivos números de sua produção.

Tabela 1: Principais atividades agrícolas de Ituiutaba em 1955

Culturas Agrícolas	Área (ha)	Produção		Valor	
		Unidade	Quantidade	Crs 1.000,00	% sobre o total
Arroz	38.720	Saco 60 kg	600.000	180.000	52,80
Milho	23.232	Saco 60 kg	400.000	48.000	14,07
Algodão	16.940	Arroba	200.000	32.000	9,38
Mandioca	1.312	Tonelada	44.000	26.400	7,74
Feijão	8.712	Saco 60 kg	50.000	21.000	6,15
Laranja	1.862	Cento	300.000	9.000	2,63
Banana	1.575	Cacho	200.000	7.000	2,05
Outras	1.190	-	-	17.685	5,18
Total	95.552	-	-	341.081	100,00

Fonte: IBGE 1959, 306.

Dados: Nicola José Frattari Neto e Carlos Henrique de Carvalho.

Com o desenvolvimento das culturas agrícolas, demonstradas na tabela acima, é que temos o contexto que incentivou a vinda dos nordestinos para o município de

Ituiutaba. A maioria dos indivíduos buscavam outras perspectivas e melhores condições de vida, melhor remuneração e um local que pudesse oferecer novas oportunidades.

Para melhor discutir e apresentar o município de Ituiutaba, usaremos algumas imagens dos jornais, que nos apresentam o imaginário da época e as perspectivas, investimentos e incentivos para os fazendeiros, donos de lavouras de arroz e de outras plantações. Analisando alguns periódicos da época percebemos que trazem anúncios sobre os incentivos do governo para as lavouras, representando um momento de euforia para o setor.

Para podermos melhor caracterizar o período, sobre as informações do crescimento econômico e social no município de Ituiutaba, vamos recorrer a essas notícias de periódicos, correspondentes à época do recorte temporal do trabalho. É importante considerar sobre como analisar e apresentar a fonte jornalística, tendo um olhar crítico e a percepção que representa uma visão de mundo, onde interesses estão presentes nas notícias e comentários sobre os acontecimentos e o desenvolvimento no município de Ituiutaba.

Nesta perspectiva, podemos enfatizar que ao analisar os jornais³ como “Folha de Ituiutaba”, “Correio do Triângulo” e “Município de Ituiutaba”, percebemos que em sua maioria as notícias que circulavam possuíam caráter informativo, que enfatiza principalmente a produção de arroz no município, que na década de 1950 atingiu o seu apogeu. Outro aspecto que enfatizamos é a quase ausência de noticiários referente ao movimento da migração nordestina que era significativa nesse período no município. As poucas referências encontradas, tem uma conotação negativa e iremos destacar mais a frente, no segundo capítulo deste trabalho.

Por outro lado, podemos analisar os jornais para entender e refletir a situação econômica e social de Ituiutaba, buscando apresentar em que situação se encontrava o município nas décadas de 1950 a 1970 e em quais tipos de trabalho e lavouras os

³ Os jornais usados neste trabalho foram: “Folha de Ituiutaba” (1952 a 1964), impressos em duas folhas. O mesmo era de propriedade do diretor Ercílio Domingues da Silva, seu redator era Geraldo Sétimo Moreira e Manoel Agostinho. O jornal “Correio do Triângulo” (1959 a 1965), circulação de três folhas, seu dono era Benjamin Dias Barbosa, seu diretor e redator era Jayme Gonzaga Jayme, e por fim o jornal de “Município de Ituiutaba”, de pertencimento oficial do mesmo, variava de quatro folhas e circulava em edições semanais.

migrantes se destinavam. Ainda, a partir das fontes jornalísticas, podemos entender como este veículo de comunicação enxergava, ou caracterizava esse momento histórico a partir dos anúncios e das notícias. Assim podemos ter uma visão do passado, um olhar, que não deve ser levado como verdade absoluta, uma vez que os jornais, e outros tipos de veículos de comunicação possuem seus interesses e, nem sempre, se posicionam de forma neutra.

Dentro dessa perspectiva podemos destacar como as notícias que circulavam na época apresentavam um olhar de prosperidade e riqueza ao noticiarem sobre Ituiutaba, considerada a capital do arroz. As notícias buscavam apresentar como a região estava produzindo e comercializando o arroz, os investimentos que alguns empresários e grupos financeiros pretendiam realizar no município. Percebemos então que os jornais mostram, mesmo que de forma parcial a realidade do município de Ituiutaba naquele momento.

Os jornais que circulavam na região também constituem fonte importante. O jornal da cidade, na década de 50 e início de 60, traz impresso o pensamento da classe política e dirigente do momento. Pensamento repleto de uma conotação ufanista e otimista quanto ao futuro da região e as discussões em torno do que a sociedade então valorizava. Traduz a idéia de progresso de que eram imbuídos os homens daquele período e como esperavam construí-lo. (SILVA, 1997, p.16)

Concordamos com Tânia Regina De Lucca, quando a autora destaca sobre como os jornais possuem diversas formas e maneiras de atingir um público alvo:

Jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita (De LUCCA 2008, P.140)

Podemos perceber, a partir da notícia apresentada abaixo, com o título “Poderoso grupo financeiro europeu pretende montar indústria nesta cidade”, e no subtítulo, “Beneficiamento em larga escala dos subprodutos de arroz. A organização inclui (sic) capitalistas alemães, franceses e italianos”. A notícia destaca que grupos de outros países, de localização europeia, buscavam investir em maquinários e produtos da orizicultura. Composto por italianos, franceses, e alemães, o grupo vinha investindo em cidades cuja produção fosse maior ou igual a 500.000 sacos anuais. Transcrevemos abaixo um recorte da notícia:

“Poderoso grupo financeiro europeu pretende montar indústria nesta cidade. Beneficiamento em larga escala de sub-produtos do arroz. A organização inclui capitalistas alemães, franceses e italianos.

De há muito estamos cientes do interesse do poderoso grupo financeiro europeu pela instalação, nesta cidade, de uma grande indústria destinada ao beneficiamento em larga escala, de sub-produtos do arroz. E se não demos (ilegível) a essa notícia há mais tempo, assim procedemos por uma preocupação mais que natural, desde que qualquer antecipação só poderia prejudicar as negociações em curso. (“Poderoso grupo financeiro europeu pretende montar indústria nesta cidade”, Jornal folha de Ituiutaba, 11-01-1961)

FOLHA de ITUIUTABA

Diretor: **ECILIO DOMINGUES DA SILVA** Redator-chefe: **GERALDO ESTIMO MOREIRA** Editor: **MARCO AGOSTINHO**

ANO XIX Publicação: **DOMINGO, 11 de Janeiro de 1961** Administração, redação e oficinas: **Rua 20, 1.090 - Caixa Postal, 43** Nº 1.076

Poderoso grupo financeiro europeu pretende montar indústria nesta cidade

Beneficiamento em larga escala dos sub-produtos do arroz A organização inclui capitalistas alemães, franceses e italianos

Um poderoso grupo financeiro europeu, formado por capitalistas alemães, franceses e italianos, pretende montar uma indústria nesta cidade. O projeto visa beneficiar em larga escala os sub-produtos do arroz, promovendo o desenvolvimento econômico local. A organização inclui representantes de diversas nações, buscando atrair investimentos e tecnologia para a região.

Mensagem do Presidente da República à direção da Folha

O Presidente da República enviou uma mensagem à direção da Folha de Ituiutaba, expressando sua gratidão e apoio ao trabalho desenvolvido pelo jornal. Ele destacou a importância da imprensa para a sociedade e desejou sucesso contínuo para a publicação.

Sem conserva a estrada Ituiutaba-Capinópolis

Apelo dos motoristas aos prefeitos dos dois municípios

Os motoristas que trafegam pela estrada entre Ituiutaba e Capinópolis estão pedindo aos prefeitos dos dois municípios que não conservem a estrada. Eles afirmam que a conservação atual é prejudicial ao comércio e ao transporte, e pedem a abertura da estrada para o trânsito livre.



Juscelino Kubitschka

Presidente da República

Tecnologia faz milagre: arroz quebrado volta a ficar inteiro

A cidade já tem uma Indústria desse tipo

Uma tecnologia inovadora permitiu transformar o arroz quebrado em grãos inteiros, aumentando o valor agregado e a qualidade do produto. A indústria local já produz este tipo de arroz, beneficiando a economia da cidade.

O novo trator da Prefeitura chegará nos próximos dias

Já se encontra há dias no Brasil, procedente da Alemanha Oriental

A Prefeitura de Ituiutaba recebeu o novo trator comprado da Alemanha Oriental. O equipamento já está no Brasil e chegará à cidade nos próximos dias para ser utilizado nas obras de infraestrutura.

Preço de Tratores

Atualizado em 7 de Janeiro de 1961, o preço dos tratores agrícolas sofreu alterações devido às mudanças de mercado. Os novos preços são os seguintes:

- Trator 12 CV: R\$ 1.200,00
- Trator 15 CV: R\$ 1.500,00
- Trator 20 CV: R\$ 1.800,00

Tipos para Jornal

Estão disponíveis diversos tipos de papel para jornais, com diferentes características de peso e qualidade. Os preços variam de acordo com o tipo e a quantidade adquirida.

Linda residência

Para venda: linda residência com 3 dormitórios, 2 banheiros, piscina e jardim. Localização privilegiada em bairro nobre. Interessados devem entrar em contato com o proprietário.

Limpeza Pública

Contribuintes apelam para a Prefeitura melhorar os serviços de limpeza pública. Eles pedem mais frequência de coleta de lixo e manutenção das ruas para garantir um ambiente mais saudável e agradável.

Empresa Capinopense de Eletricidade

Aviso

Comunicamos aos nossos clientes que a empresa está realizando manutenção em algumas áreas. Pedimos desculpas pelo inconveniente e agradecemos a compreensão.

RADIO DIPONORA DE ITUIUTABA

Programa de rádio transmitido diariamente às 19h30. Conteúdo variado e de qualidade para o entretenimento da comunidade.

Figura 1: “Poderoso grupo financeiro europeu pretende montar indústria nesta cidade”, Folha de Ituiutaba, 11-01-1961.

Outro recorte em que podemos perceber sobre a importância do cultivo do arroz no município de Ituiutaba segue na notícia abaixo (figura 2), intitulada: “Enquanto as lagartas devoram as lavouras”, que diz respeito a uma praga de lagartas que atacaram as plantações de arroz e de milho. Destaca que a prefeitura já havia enviado cartas para os governos federal e estadual solicitando ajuda para combater o “mal”. Segue abaixo um recorte da notícia “Enquanto as lagartas devoram as lavouras”, com um subtítulo, “A

secretaria da agricultura propunha a venda de inseticidas e o ministério nem tomava conhecimento da situação – O sol [que sempre mata] desta vez salvou os arrozais”:

Quanto mais afetiva (sic) era a situação da lavoura regional, principalmente das plantações de arroz e de milho, atacados por uma terrível praga de lagartas, a prefeitura enviou urgentes telegramas e radiogramas ao Ministério e à Secretária da Agricultura colocando assim tanto o governo federal como o do Estado a par da grave emergência, e pedindo socorros e orientação para combate ao mal, cuja extensão já levava o pânico aos produtores. (“Enquanto as lagartas devoram as lavouras”, Jornal Folha de Ituiutaba, p.4, Número:1076.)

Um aspecto interessante, que podemos destacar acerca da notícia acima, diz respeito a preocupação da prefeitura com o problema das lagartas, praga que prejudicou alguns agricultores naquela época. Essa atitude expressa que a produção de arroz era a principal fonte de renda do município naquele momento, fomentando investimos, portanto, a prefeitura buscou rapidamente acionar os governos Federal e Estadual, para auxiliar no combate da praga, uma vez que, se os arrozais fossem devastados, os prejuízos seriam em larga escala, não só para os produtores, mas também para o município, cuja principal produção, naquele momento, girava em torno da orizicultura.

Brasil. Percebe-se que o anúncio visava dar destaque à CEGEB e à sua diretoria, que tinha entre os seus membros pessoas de Ituiutaba, procurando demonstrar o compromisso da Companhia com a então "Capital do Arroz" tendo em vista a sua importância na região.

FOLHA DE ITUIUTABA

O Triângulo no ano 63: Ituiutaba e CEGEB unidas - A Capital do Arroz não ficará à margem da televisão

Mais identificados os ituiutabanos com a "Operação TV" - Diretoria e principais acionistas da CEGEB



CEGEB - Companhia de Empreendimentos Gerais do Brasil

DIRETORIA

Director Presidente — CICERO NAVES DE AVILA
 Director Vice-Presidente — DR. CICERO MACEDO ALVIM
 Director Superintendente — DR. VINICIUS VASCONCELOS
 Director Conselheiro — DR. VICENTE AUGUSTO SANTA CECILIA FRANCO

Conselho Consultivo

JOAO NAVES DE AVILA
 MESSIAS PEDREIRO
 CYRO AVELINO FRANCO
 CONCICAO FRANCO BARBOSA
 JOAO NAVES DE AVILA FILHO

Conselho Fiscal

ALEXANDRE RIBEIRO GUMARAES JUNIOR
 DECIO CHAVES
 DR. OSWALDO DE DEUS GUERRA

Suplentes

DR. LUCIANO SUCCI
 ARCY VILELA DE ANDRADE
 ALCIDES S. RELOU

Principais Acionistas

Wilson Rodrigues do Silva
 Rui Ribeiro Guimarães
 Jorge Lebacoz
 Otilio Lebacoz
 Dr. Covadão de Deus Guerra
 José Guerra
 Joaquim Teodoro dos Santos
 Celso Terto
 Alexandre Ribeiro Guimarães Jr.
 Dr. David Pella
 Wilson Ribeiro do Silva
 Solimar Ribeiro Marques

Conselho Fiscal

Dr. Edson Garcia Nunes
 Dr. Vinicius Vasconcelos
 Dr. Cicero Macedo Alvim
 João Naves de Avila
 Cicero Naves de Avila
 João Naves de Avila Filho
 Raul Pereira de Resende
 Concicão Franco Barbosa
 Messias Pedreiro
 David Pedreiro
 Sérgio Pedreiro
 Cyro Avelino Franco

Principais Acionistas

Wilson Rodrigues do Silva
 Rui Ribeiro Guimarães
 Jorge Lebacoz
 Otilio Lebacoz
 Dr. Covadão de Deus Guerra
 José Guerra
 Joaquim Teodoro dos Santos
 Celso Terto
 Alexandre Ribeiro Guimarães Jr.
 Dr. David Pella
 Wilson Ribeiro do Silva
 Solimar Ribeiro Marques

Conselho Consultivo

JOAO NAVES DE AVILA
 MESSIAS PEDREIRO
 CYRO AVELINO FRANCO
 CONCICAO FRANCO BARBOSA
 JOAO NAVES DE AVILA FILHO

Conselho Fiscal

Dr. Edson Garcia Nunes
 Dr. Vinicius Vasconcelos
 Dr. Cicero Macedo Alvim
 João Naves de Avila
 Cicero Naves de Avila
 João Naves de Avila Filho
 Raul Pereira de Resende
 Concicão Franco Barbosa
 Messias Pedreiro
 David Pedreiro
 Sérgio Pedreiro
 Cyro Avelino Franco

Principais Acionistas

Wilson Rodrigues do Silva
 Rui Ribeiro Guimarães
 Jorge Lebacoz
 Otilio Lebacoz
 Dr. Covadão de Deus Guerra
 José Guerra
 Joaquim Teodoro dos Santos
 Celso Terto
 Alexandre Ribeiro Guimarães Jr.
 Dr. David Pella
 Wilson Ribeiro do Silva
 Solimar Ribeiro Marques

Conselho Consultivo

JOAO NAVES DE AVILA
 MESSIAS PEDREIRO
 CYRO AVELINO FRANCO
 CONCICAO FRANCO BARBOSA
 JOAO NAVES DE AVILA FILHO

Figura 3: O Triângulo no ano de 63: Ituiutaba e CEGEB unidas – A capital do Arroz não ficará à margem da televisão” *Jornal folha de Ituiutaba* 13-07-1963.

Por meio de pesquisa em censos demográficos percebemos que no município de Ituiutaba, especificamente no ano de 1950, a população rural aumentou de forma considerável, tal aumento ocorreu devido ao crescimento da produção de arroz, justificando desta forma o título de “capital do arroz”. Percebemos que tal título era carregado com orgulho pelos memorialistas como Petrônio Chaves, no seu livro “A Loja do Osório” (1984), responsável pela construção de uma memória sobre a cidade de Ituiutaba, uma vertente oficial que deve ser analisada e pensada em suas diferentes narrativas, ou seja, não apenas considerar esta versão, mas conhecer também outras experiências e narrativas como dos migrantes nordestinos, que foram produzidas para este trabalho.

Dentro desta construção da memória, também se destacam os jornais de Ituiutaba, que apresentamos acima, nos quais podemos perceber a representação do orgulho e euforia, em relação à Ituiutaba, “capital do arroz”, como um polo de desenvolvimento econômico. Por meio dos jornais podemos perceber a ênfase sobre a importância do cultivo do arroz e a euforia do município ter recebido o título de “capital do arroz”. Por outro lado, percebemos também a ausência de posicionamentos ou destaques para os trabalhadores nordestinos, que por meio de sua mão-de-obra ajudaram na construção do referido título para o município de Ituiutaba.

Migrantes nordestinos chegavam à cidade, atraídos pela propagada prosperidade da “capital do arroz”, eram escolhidos por diferentes fazendeiros e iam para as fazendas no município de Ituiutaba, ou para outras regiões. Devemos atentar que o aumento da população rural deve-se, em grande parte, à chegada dos migrantes, em sua maioria oriundos da região nordeste, que habitaram ou ainda habitam essas localidades. Aqueles que retornaram ao nordeste, ou se dirigiram para outras regiões, permaneceram no mínimo por mais ou menos vinte anos na região, pois o período da orizicultura começou nos finais da década de 1940 e se encerra nos meados dos anos de 1970.

Para melhor documentar apresentamos, abaixo, a tabela do IBGE com os dados sobre a população urbana e rural do município de Ituiutaba, com os censos demográficos de 1940 a 1970, demonstrando um acréscimo na população, tanto rural como urbana, principalmente nas décadas de 1950 e 1960.

Tabela 2: População tijucana, 1940-1970.

ANO	POPULAÇÃO	POPULAÇÃO	TOTAL
	RURAL	URBANA	
1940	30.696	4.356	35.052
1950	43.127	10.113	53.240
1960	39.488	31.516	71.004
1970	17.542	47.114	64.6562

Fonte: Fundação IBGE – Censos Demográficos dos anos 1940 -1970 (APUD, KATRIB, COIMBRA, 2013, p. 13)

Podemos concluir, a partir dos dados apresentados, que as diversas formas de trabalho no campo estavam voltadas para o cultivo do arroz e outras culturas. Através da tabela notamos que a população rural nos anos 1950 aumentou de forma significativa, iniciando um decréscimo na década de 1960 e 1970. Esses dados demonstram que a economia da região girava em torno do campo e do trabalho ali desenvolvido.

Apresentamos estas considerações, pois no segundo capítulo iremos enfatizar as questões relativas à experiência do migrar, buscando por meio da história oral, recuperar experiências de migrantes nordestinos sobre a viagem, o contato com a nova terra, o cotidiano e os diferentes embates, buscando representar a participação de centenas de nordestinos que migraram para Ituiutaba em busca de trabalho e de outras oportunidades. Mas antes é necessário fazer uma abordagem, mesmo que de forma superficial, sobre a região de origem dos migrantes, tema do trabalho.

2.5 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA REGIÃO NORDESTE

Pretendemos, a partir deste tópico, fazer referência a reflexões de alguns autores acerca da região Nordeste do Brasil, com o intuito de não cometer generalizações e nem cair na armadilha de estereótipos que negativam a sua imagem. Este tópico é importante também para abordar a situação do Nordeste, região de origem, retratada e lembrada por nossos entrevistados, migrantes nordestinos que vieram para o município de Ituiutaba.

Inicialmente abordamos acerca de algumas considerações sobre o artigo do autor Laurindo Mékie Pereira. O artigo é intitulado “Reflexões sobre a atualidade e operacionalidade do materialismo histórico nos estudos das identidades regionais” e apresenta uma análise de quatro vertentes de diferentes linhas interpretativas na construção das identidades regionais, tendo como foco a região Nordeste do Brasil. O artigo é importante para o objetivo deste tópico, pois apresenta um leque de diferentes análises sobre a construção da identidade da região Nordeste, possibilitando entender, mesmo que de forma mais geral, a dinâmica desta região originária dos sujeitos desta pesquisa.

O autor destaca que o regionalismo existe pela forte presença de desigualdades entre as regiões do Brasil, principalmente entre a região Nordeste e as demais. O autor analisa quatro vertentes, o enfoque cepalino, a visão marxista, a visão neomarxista e, por fim, a visão culturalista que tem como um de seus principais representantes Durval Albuquerque.

Sobre a vertente cepalina temos a reflexão sobre o surgimento da SUDENE, tendo como principal foco a promoção do desenvolvimento econômico do Nordeste. Tinha como principal representante Celso Furtado, que destacava a relação entre nação-região, centro-periferia, em detrimento das categorias de classe e das relações de classe.

Em termos analíticos, Celso Furtado, como de resto era comum nas análises cepalinas, privilegiava as categorias nação-região, centro-periferia em detrimento das categorias classe ou relações de classe. Além disso, a noção de desenvolvimento (e especialmente desenvolvimento nacional) furtadiana estabelecia uma relação de necessidade com as reformas e a distribuição de renda. (PEREIRA, 2009, P. 119-120)

Outra vertente, construída a partir da visão marxista, hegemônica nos anos 1970 e 1980, teve como principal nome Francisco de Oliveira, e analisava a situação da região fundamentada na reprodução do capital e nas formas de acumulação de bens, na estrutura de classe e nas lutas de classe. Oliveira apontou que as regiões tinham desaparecido pelo avanço do capitalismo e de acordo com Pereira:

Embora Francisco de Oliveira tenha sido muito criticado, se observarmos o seu conceito de região, percebemos que ele é coerente com a tese, segundo a qual, a modernização capitalista gera uma crescente homogeneização do espaço e mesmo o desaparecimento das regiões. (PEREIRA, 2009, p. 124-125)

A terceira vertente, discutida por Pereira, apresenta uma interpretação a partir da visão de análise neomarxista, tendo como representante Iná Elias de Castro. Esta vertente defende a ideia de que o regionalismo no Nordeste não pode ser construído apenas pela vertente marxista ortodoxa. A autora busca embasar o seu trabalho nas ideias e reflexões de Gramsci e segundo o autor:

Em primeiro lugar, a autora, assim como o pensador italiano, destaca que, para além da teoria, a questão regional, nordestina para a primeira, meridional, para o segundo, é histórica, carecendo, assim, de ser explicada. Do ponto de vista mais analítico, Iná Castro utiliza dois conceitos importantes de Gramsci: bloco histórico e concepção ampliada do Estado. (PEREIRA, 2009, P.128)

E, por fim, a quarta e última vertente apresentada e discutida pelo autor, se refere a uma visão culturalista, tendo como principal representante Durval Muniz Albuquerque Junior. Segundo essa vertente diferentes produções artísticas e acadêmicas, de esquerda ou direita, contribuíram na construção sobre o Nordeste. Outro aspecto que o autor aponta é a ausência dos aspectos culturais nas análises marxistas, que em sua consideração são incompletas. O autor enfatiza ainda a crítica em relação à vitimização dos nordestinos, segundo ele, se referindo a “nós nordestinos”, pois possuem culpa no modo como são vistos, pelos diferentes estereótipos que lhes são atribuídos.

Durval Albuquerque propõe uma interpretação inovadora, apontando a produção precedente, artística e acadêmica, de esquerda e de direita, erudita e popular, como responsável pela instituição do “nordeste”. (PEREIRA, 2009, p. 129)

As interpretações apresentadas acima contribuem para um entendimento sobre o Nordeste e de como o mesmo foi e está sendo estudado. A leitura do texto de Laurindo Pereira contribui para este trabalho, pois nos ajuda a entender melhor sobre a construção da região de onde partiram os nossos entrevistados.

O trabalho da autora Lúcia Lippi Oliveira, que está disponível na biblioteca digital da FGV(https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6649/LuciaLippi_XIICBS_2007.pdf?sequence=1&isAllowed=y), destaca que o Nordeste tem uma data de criação, foi no Estado Novo, quando o IBGE dividiu o Brasil nas cinco regiões, Norte, Nordeste, Sudeste, Leste, Centro-Oeste. É interessante pensarmos que tal região foi construída a partir de estereótipos. Em seu artigo a autora apresenta como o Nordeste e os nordestinos foram construídos por meio das produções artísticas, pinturas, imagens, livros que ilustram o Nordeste a partir da seca e da pobreza. Seu artigo intitulado como

“ A invenção do nordeste e do nordestino” traz a ideia de que o Nordeste foi construído a partir de uma visão pejorativa e que continua presente em nossa sociedade.

Podemos também perceber este aspecto no trabalho de Albuquerque Júnior, onde o autor seleciona diferentes tipos de discursos apresentados na televisão, nos jornais, nos noticiários e que trazem o Nordeste como um espaço de atraso. No livro “A Invenção do Nordeste e outras artes” o autor destaca que o Nordeste é uma invenção que fora feita a partir de construções pejorativas e estereotipadas que seguem sendo reproduzidas até os dias atuais. Em seu texto o autor enfatiza que a região Nordeste é sempre vista como um lugar de atraso e fome em relação à região Sudeste, e questiona essa dicotomia entre Nordeste e Sudeste, entretanto também levanta a questão de que os próprios nordestinos contribuirão para reafirmar esse discurso:

O que este livro interroga não é apenas porque o Nordeste e o nordestino são discriminados, marginalizados e estereotipados pela produção cultural do país e pelos habitantes de outras áreas, mas ele investiga por que há quase noventa anos dizemos que somos discriminados com tanta seriedade e indignação. (ALBUQUERQUE, 2006, p.21)

Para além desta discussão, que é de suma importância para a compreensão do Nordeste, a autora Lúcia Lippi Oliveira destaca que na década de 1950 a região novamente enfrentava a seca e, em contrapartida, no Sudeste tínhamos a industrialização a todo vapor, assim tivemos levas de migrantes que foram para diferentes locais da região Sudeste.

Em 1952 e em 1958 novas secas atingiram a região tentou-se impedir que os nordestinos viessem para o sul, mas eles vieram assim mesmo e foram participar da industrialização dos anos JK, que tornou São Paulo a maior e mais industrializada da América Latina. (OLIVEIRA, FGV CPDOC)

A partir dessas considerações percebemos que o Nordeste passava por uma forte seca, exatamente no momento do nosso recorte temporal, em que centenas de Nordestinos vieram para o município de Ituiutaba. Não queremos apontar de forma generalizante as causas das migrações, existem inúmeras justificativas nas produções sobre o Nordeste. Analisamos com mais ênfase tais aspectos, a partir do depoimento dos sujeitos desta pesquisa, em nosso segundo capítulo, onde iremos analisar entrevistas feitas com migrantes nordestinos que vieram para o município de Ituiutaba no período de 1950 até 1970.

A cidade era vista pelo migrante como um local de oportunidades, uma forma de mudar a realidade, que em sua terra natal era difícil pelas diferenças de ganhos entre a região natal dos migrantes e o município de Ituiutaba. Estas diferenciações e especificidades serão abordadas com maior ênfase no próximo capítulo, onde buscaremos refletir acerca da experiência do migrar, em suas diferentes fases, como os motivos da migração, causas e expectativas por parte dos migrantes. Muitos destes ficavam sabendo de tais oportunidades por meio de anúncios, ou por indivíduos que já tinham vindo para a região e voltaram para visitar a família ou trazê-los para a nova terra, em busca de outras perspectivas.

3.0 CAPÍTULO II: A EXPERIÊNCIA DO MIGRAR E O CONTATO COM A NOVA TERRA

Pretendemos a partir deste capítulo apresentar considerações sobre a vinda de nordestinos para o município de Ituiutaba nas décadas de 1950 a 1970. Este capítulo será composto principalmente a partir da análise das entrevistas que foram realizadas com migrantes nordestinos que vieram para Ituiutaba nesse período. Nas entrevistas percebemos que os relatos e memórias dos entrevistados não fizeram parte das notícias que circulavam nos jornais e periódicos do município na época.

Outro aspecto que buscamos enfatizar, a partir deste capítulo, é a importância do migrante nordestino no desenvolvimento social e econômico no município de Ituiutaba no período recortado, uma vez que os jornais e outras fontes escritas que pesquisamos, como atas, revistas não trazem os nordestinos de forma protagonista em relação ao desenvolvimento da cidade. Como vimos no capítulo anterior, as notícias que circulavam nos periódicos apontavam um cenário de desenvolvimento econômico e social, mas, em algumas situações o crédito é atribuído aos empresários da época.

O capítulo será dividido da seguinte forma: no primeiro momento vamos apresentar as impressões dos entrevistados sobre o Nordeste, o modo de vida dos mesmos, memórias sobre a família, o trabalho e os diferentes ganhos. No segundo momento trazemos as experiências dos entrevistados em relação à viagem - como foi a vinda dos mesmos para o município de Ituiutaba e como ficavam sabendo das viagens para esta região. Na sequência trazemos o relato das experiências dos migrantes nordestinos no município de Ituiutaba, ou seja, os diferentes tipos de trabalho, as horas de lazer, o cotidiano, como banhos, rotina de alimentação; e as relações com os “mineiros”, os seus patrões e fazendeiros donos das terras em que os migrantes trabalhavam. Outro aspecto que abordamos diz respeito à remuneração praticada na região.

3.1 OS ENTREVISTADOS SE APRESENTAM

Pretendemos neste tópico apresentar, de forma sucinta e objetiva, os sujeitos desta pesquisa, nossos entrevistados que deram grande contribuição para a confecção deste trabalho, a partir da apresentação que fazem de si mesmos.

O nosso primeiro entrevistado foi o senhor Francisco Moura, meu avô, que desde a minha infância, com suas histórias, instigou-me para a pesquisa nesta temática e que resultou neste trabalho. O senhor Francisco nasceu no ano de 1931, em uma fazenda, no município de Ruy Barbosa no Estado do Rio Grande do Norte, migrou para o município de Ituiutaba no ano de 1953.

Nasci em trinta e um lá onde eu estou te falando, nessa serra lá nessa fazenda. Fui criado lá até mais ou menos a idade do, dos 10 anos, trabalhando na roça junto com o meu pai, depois nós mudou para essa outra fazenda lá do, a do Pereiro. Aí nós mudou para essa outra fazenda e lá eu fiquei até inteirar os 18 anos. E quando eu fui servir o exército eu estava morando lá em Morada Grande, justamente aonde estava o resto da minha família, não é? Os meus sobrinhos, meu (inaudível), minha irmã mais velha. (MOURA, 2018)

O nosso próximo entrevistado, foi o senhor Severino Batista da Silva. Fizemos a entrevista no mês de julho do ano de 2018. O “seu” Severino Batista migrou para o município de Ituiutaba em 1970.

Eu nasci num sertão chamado Trapiá né, a fazenda era, chamava Trapiá, mas no município Santo Antônio, Salto da Onça (RN). Nos meus documentos tá escrito Santo Antônio só, mas lá é Santo Antônio Salto da Onça, é um município né, eu nasci em Trapiá, município de Santo Antônio, mas é Rio Grande do Norte. (SILVA, 2019)

A entrevista com o senhor José Nascimento dos Santos, foi realizada no mês de abril de 2019. O mesmo nasceu no ano de 1930, e migrou para o município de Ituiutaba no ano de 1942.

Eu nasci em Jardim do Siridó (Seridó), Rio Grande no Norte. E vim pra Minas Gerais em 1942, sai fui pá trabaiaí (trabalha) na fazenda, na fazenda trabaiei (trabalhei) uns vinte e tantos ano ai me deu parpita pra mim vim embora pá cidade, ai vim pá Ituiutaba. (SANTOS, J. 2019)

O senhor Mário José dos Santos nasceu no município de Sapé, no Estado da Paraíba, em março de 1940, e migrou para o município de Ituiutaba no ano de 1967. *Eu, sô, eu nasci em 1940, 03 (março) de 40, de 1940, é.* (SANTOS, M. 2019)

E por fim, entrevistamos o senhor Inácio Azevedo de Góes, que migrou para o município de Ituiutaba no ano de 1951. Quando indagado sobre os seus dados de nascimento, o mesmo respondeu que:

Em 1936, no dia 27 de março, eu sô, o meu registro é de Acari, mas eu sô (sou) de Cruzeta, Rio grande do Norte. Ai eu queria acrescentá também, que eu tenho um pouco de falta de ar viu, por isso que tô tendo dificuldade pra fala, ai ooo. (GÓES, 2019)

Após a apresentação dos entrevistados, no tópico seguinte trazemos a representação que fazem do Nordeste, como formas de trabalho, família e educação.

3.2 MEMÓRIAS SOBRE O NORDESTE

Os nossos entrevistados quando indagados sobre a vida e cotidiano no Nordeste relataram que a vivência era difícil, tinham que trabalhar logo na infância para ajudar nas despesas de casa e da família. Outro aspecto que nos chamou a atenção diz respeito à educação escolar, quatro de nossos entrevistados relataram que não iam à escola, pois tinham que trabalhar no campo junto com o pai. Apenas um, nos relatou que frequentou a escola por cerca de três anos, mas ainda assim trabalhava no sítio da família.

Ao todo fizemos cinco entrevistas, onde cada depoente apresenta as suas justificativas para a migração com destino ao município de Ituiutaba. O senhor Francisco Moura ao ser questionado sobre escola e educação na sua região de origem, destaca que:

É, eu mais meu pai primeiro, depois foi cum, os outros foi crescendo, por que nós era oito irmão, depois os outro foi crescendo e acompanhando a mesma coisa, tinha vida boa não. Estudá? Não existia escola naquele tempo, na nossa região. Depois passado uns tempo ai surgiu escola lá neste lugá (lugar) chamado Olhos d'água, mais longe, então não tinha como nós irmos estudar né, ai apareceu um rapaz numa fazenda lá, vizinho, ele tinha mais ou meno (menos) estudado até o quarto ano, ai foi lecionar para uma turminha lá, mais era pouco né, eu mesmo aprendi só assiná o nome, ah se eu (soubesse escrever), não me lembro muito bem não, mais eu, ler e escrever? Vou te contar viu! Nunca dei conta de escrevê, agora ler alguma coisinha. (MOURA, 2018)

Percebemos que o estudo era limitado em algumas situações, para indivíduos que nasciam em regiões desprovidas de escolas. Como vimos com a entrevista do senhor Francisco Moura, que não aprendeu a ler e a escrever, mas apenas a assinar o nome, em escola informal, tendo como professor um rapaz que tinha algum tipo de conhecimento em relação à alfabetização. Já em relação ao trabalho, o senhor Francisco Moura relata que desde criança ajudou o pai nos trabalhos no campo.

Podemos perceber este tipo de situação também presente na entrevista do senhor Severino Batista Silva, quando indagado sobre a escola e a vida no Nordeste ele justifica a ausência do estudo pela aptidão ao trabalho e pela ausência da necessidade de estudo, considerando ser outra a rotina de vida:

Não, não, lá nunca estudei não. Porque lá eu, um cara muito vei (velho), igual eu, gostava muito de trabaiaá (trabalhar), toda vida eu gostei de trabaiaá. Eu nunca fui preguiçoso não. Meu pai, como muito pobre, meu (pai) também nem preocupava com quem estudava, quem num ia (na escola), sabe? Naquele tempo num tinha aquele negócio, “ocê tem que estuda”, não, naquele tempo num tinha, pelo menos lá no Nordeste, num vô falá aqui não. Aqui eu num sei. Num tinha o negócio do cê sê obrigado a ir na escola não, ia quem queria, e pronto. (SILVA, 2018)

Outro aspecto tratado nas entrevistas diz respeito aos diferentes modos de trabalho que os nordestinos praticavam em seus locais de origem. Nos relatos identificamos que o tipo de trabalho que desenvolviam no Nordeste se assemelha muito com as atividades desenvolvidas no município de Ituiutaba, naquela época. Uma vez que, centenas de nordestinos vieram com destino ao município de Ituiutaba para trabalharem em lavouras, sendo que no princípio tiveram que desbravar as terras, ou seja, desmatar e, em seguida, desenvolver as plantações, sendo que o principal produto cultivado era o arroz, que teve um ápice em sua produção na década de 1950.

Sobre este aspecto “seu” Severino Batista destaca que:

Lá no Nordeste, é o seguinte. Oocê tinha o sítio ai, digamos assim, um arqueire (alqueire) de chão aqui, lá chama desfile, lá todo mundo tinha um pedacín (pedacinho) de chão, quais (quase) todo mundo, aquele povo mais antigo. Então, ai aquele pedacín (pedacinho) de chão, o filho fazia uma casa, o outro fazia uma casa, ai ocê(você) tinha uma lavoura, precisa de um dia de serviço, eu ia lá trabaiaá (trabalhar),trabaiava (trabalhava) lá um dia, as vez (vezes) trabaiaava dois, três, cabava (acabava) aquele serviço, tava (estava) a toa de novo, o dinheiro que eu ganhava lá era poquim (pouco), ai eu dava pro meu pai, ajudá na despesa, porque nois (nós) era onze pessoa em casa, assim doze, treze, com meu pai e minha mãe. Ai tudo que ganhava era poquim, ai eu dava pra ele, por exemplo: lá tinha lavoura de algodão, de mandioca, e lá na terra que nóis foi morá, depois que nois mudô, na terra que meu pai mora agora, meu pai faleceu, mas morava lá até pouco tempo, era algodão e mandioca, tem uma terra que nois chama sertão do algodão, botava enxada nas costa e andava assim 1 hora e meia de a pé até chega lá, levava uma cabaça d’água. Água lá era panhada na represa, aqui esse povo, água tem que sê tratada? Tem, e que se trabaia (trabalha) na empresa da água, mas o seguinte, lá rapaiz, os cavalo tumano (tomando) banho, e fazendo xixi lá dento e as vaca nadando e aquela água, aquele barro, chegava ali enchia a cabaça e levava pá roça bebe, e todo mundo bebia aquela água. Nois ia caça lá, eu lembro que nois caçava, pra pega algum préa lá, ai lá tem umas terra chamado lagero, lage, que aquelas lagero, eles é pedra, num tem terreno po (por) riba (cima) não , mas dá umas planta lá, uns

tal de sodó, chiqchiq, faxeco, é nativa daquelas terra, que tem, que tem água, é igual um lá que tem lá na sua sogra lá, ocê já viu ? Chama cacto, num sei como é que chama, aquilo lá é da pedra. (SILVA, 2018)

Quando os nossos entrevistados foram indagados sobre as justificativas pelas quais os mesmos vieram para a região, mais especificamente o município de Ituiutaba, os mesmos destacavam que chegaram em seus ouvidos que o “sul” era a terra das oportunidades e de ganharem mais dinheiro. Os mesmos também destacaram que os ganhos eram bem diferentes, com melhor remuneração na região sudeste. Percebemos então que a migração para alguns é motivada pelo sonho e esperança de melhores condições de vida e de rentabilidade. Três de nossos entrevistados vieram devendo suas despesas ao frete do caminhão, apenas dois já vieram com as suas despesas pagas.

Outro entrevistado que compartilhou sua experiência de migração, foi o senhor José Nascimento dos Santos. O mesmo chegou ao município de Ituiutaba, ainda criança, para trabalhar nas fazendas, colhendo, plantando, junto com sua família. O seu José veio de uma forma diferente do restante dos entrevistados, segundo ele teve que enfrentar três tipos de conduções para chegar ao município.

Quando indagado sobre a região Nordeste e suas lembranças, destaca que a vivência no Nordeste era mais difícil, pois não chovia como em Minas Gerais. Quando o indagamos sobre a diferença do Nordeste com Minas Gerais, o “seu” José destacou que:

Por que terra lá, por que lá num chove igual aqui. Antigamente aqui chovia direto, agora não, que tá (está) mais escasso, aqui chovia com quinze dia. Com quinze dia assim, (**não audível**) sem pudê trabaia, oito dia. Quantas veiz (vezes) o meu pai, saia cedo oiava (olhava) na porta assim, tava (estava) caindo água, digo num (não) vai na roça não, passava a semana em casa, choveno (chovendo) todo dia, todo dia, de dia e de noite. Estiava dai um poquim (pouco) vinha, estiava, dai um pouco vinha, num (não) tinha jeito de trabalha, agora não. (SANTOS, J. 2019)

O senhor Mário José dos Santos, nosso entrevistado que também ajudou na construção do trabalho, enfatizou como era a vida no Nordeste e as principais atividades que se desenvolvia lá. O “seu” Mário, como outros nordestinos, não teve oportunidade de ir à escola regularmente, pois como retrataram nas entrevistas tinham que trabalhar desde pequenos para ajudar nas despesas da casa. “Seu” Mário enfatizou que começou a trabalhar com treze anos com seu pai, nas lavouras ou em usinas de cana de açúcar,

quando trabalhava no campo dividia a diária com o seu pai, pois desenvolvia o mesmo trabalho.

(...) treze ano, eu trabaiava (trabalhava) mais meu pai, na diária, o total que ele ganhava eu ganhava, treze ano, onde ele ia eu tava (estava) no pé dele, trabaiano (trabalhando) com ele, igualmente a ele. Ai, eu trabaiava (trabalhava), (**Não audível**), partia o dinheiro com ele, fazia feira. Lá a feira é todo sábado, fazia feira, tinha uma currutelinha, (cidade pequena) e tinha uma feirinha lá né. Era serviço de roça, serviço de plantação de cana, cará, inhame, algodão, fava, era uma produção que nois fazia lá, quando acabava os trem tudo ai nois ai pá praia, ia trabaia né, ia pá usina trabaia, pranta cana, limpá cana. A praia a gente ia de veiz (vez) em quando lá, tumá (tomar) um banho, arguma (alguma) coisa né. (SANTOS, M. 2019)

Como temos diferentes realidades em nosso meio, a entrevista do “seu” Inácio Azevedo de Góes, que também era morador da região Nordeste. A realidade desse entrevistado foi diferente, em relação aos outros. Ele conta que morava com seu avô em um sítio, onde possuía alguns trabalhadores que desenvolviam atividades de plantio. O mesmo enfatizou que estudou até o terceiro ano e que veio para Ituiutaba para se reunir com sua família, que veio primeiro. Segundo o “seu” Inácio, lá no Nordeste desenvolvia atividades na fazenda, como cuidar dos animais e também nas lavouras.

Trabalhava assim, morava com meu avô, que meu avô era relativamente não tão financeiro, nem tão tanto, e nem pouco, era bem (tinha uma situação financeira melhor). Pra lá ele era classe média, agora meu serviço era com lida de caseiro assim, com curral, ajudando a tirá leite, esse tipo de coisa assim, cuidando de animais e etc. (GÓES, 2019)

Indagado sobre o que se plantava e produzia no sítio do seu avô, o senhor Inácio enfatizou que:

Tinha fruteiras, tinha plantio de algodão, tinha criação de, de ovelhas, de bode, de gado, de jumento, tinha vários açudes. Inclusive um até maió (maior), tinha vários, eu falo açude, mais num é bem açude, açude memo (mesmo) só tinha um maió (maior), agora o resto fala o nome lá de barrio sabe, e pra região lá, inclusive na vizinhança lá era duns mais produtivos, apesar do nordeste naquela época, produtiva era muito poco (pouco), por que os beneficio era poco né! E naquela época então né. (GÓES, 2019)

Questionamos ainda para o “seu” Inácio, como era a vida no Nordeste, socialmente e economicamente, o acesso a água, a alimentação e emprego para os indivíduos e ele destacou que:

Naquela época, pra muitos faltava muito, e pra aqueles mais controlado de vida, faltava água, a única coisa que faltava pra eles era água. Pros demais (não audível), água por que chuvia pouco na época, alias chuvia poco (pouco), como choveu sempre, e era uma vida assim com dificuldade. Então aqui é bem, foi bem mais favorável, principalmente aqui nessa região de Ituiutaba, Capinopi (Capinópolis), uma região bem mais agrícola, num precisava usá tanto adubo, hoje em dia não, já é diferente, já precisa né. (GÓES, 2019)

Percebemos a partir deste tópico que os entrevistados apresentaram um Nordeste com dificuldades, principalmente obstáculos ligados à seca e a falta de algum tipo de estrutura social e de trabalho. Em algumas entrevistas percebemos que não se tinha emprego fixo para uma parte da sociedade nordestina, e além disso os ganhos eram relativamente baixos. No tópico abaixo poderemos perceber as justificativas para a migração, podemos constatar que a grande parte dos nordestinos, que migraram para Ituiutaba, vieram em busca de melhores condições de trabalho, buscando novas oportunidades de emprego.

3.3 JUSTIFICATIVAS PARA A MIGRAÇÃO E A VIAGEM

Buscamos a partir deste tópico, apresentar as diferentes justificativas dos migrantes nordestinos para terem saído de suas terras de origem. Outro aspecto que pretendemos abordar neste tópico, é buscar entender como os migrantes ficavam sabendo das viagens com destino ao município de Ituiutaba, ou outras localidades desta região.

“Seu” Severino destaca que a diferença de ganho entre as regiões era gritante. Além disso ainda relatou que via nordestinos retornarem a sua região de origem com roupas novas e algum dinheiro no bolso. Percebemos que este tipo de situação fez com que despertasse a vontade se ir para o “sul”, ou seja, era uma propaganda feita pelos próprios nordestinos que voltavam da região sudeste.

Era muito grande, era iii!!! Já era muito grande. Mas quando nois (nós) ganhava um conto de réis era muito. É então, ai o cara chegava lá com uma roupinha nova, daqui, um calçado bonito, um dinherin (dinheiro) no bolso, ai os outros rapaiz (rapaz) lá, não, ai as moça já queria namorá logo, por que chegô bonito, “não rapaiz, bora! Vamos pra Minas”. Era Minas de Goiás, São Paulo, quem tinha estudo ia pra São Paulo, também ia muito, mas pra Minas de Goiás era os (não audível), os caminhão levava e trazia direto, então esparramava aqui, e pronto. (SILVA, 2018)

O senhor Francisco Moura também relatou em sua entrevista o ganho que ele e seu pai tinham quando trabalhavam nas fazendas de sua terra natal. Enfatizou que quando criança já trabalhava em atividades do campo, atividades de cunho braçal como capinar, em colheitas e também no momento de plantar as lavouras.

Ih, não! Comecei a trabaia na roça com seis ano de idade. Rapaiz! Cum sete ano já comecei a trabaia junto com o papai na roça dele pra nois (nós) mesmo né. Aí quando num tava na nossa roça tava (estava) no fazendeiro. Era dois mirreis por dia, agora como eu num dava conta de sai junto com o papai, nem com os outros que tava trabaiano (trabalhando), ai eu, o papai pegava lá na berada (beirada) e eu pegava de cá, as ruas, as largura das rua era mais, parece que era mais de 1 metro e meio de largura, assim pra gente i né, num pé de uma cova de mii (milho) na outa (outra) ou de algodão. (MOURA, 2018)

Segundo os entrevistados muitos nordestinos ficavam sabendo das viagens para a região sudeste através das conversas de pessoas que tinham ido, ou de seus familiares que também foram para “sul” em busca de melhores condições de vida. Em algumas situações, os migrantes que retornavam para sua terra natal, destacavam que o “sul” era um local para ganhar dinheiro e de abundância em água e outros recursos, como alimentação por exemplo. Abaixo segue mais um recorte da entrevista do Senhor Severino, onde enfatiza a justificativa por ter vindo para Minas Gerais, como um local para ganhar dinheiro.

Por que, por que aqui era pra ganhá dinheiro né! Igual te falei, por que lá nois (nós) ganhava muito pouco, e ai como eu tava (estava) novo, e todo mundo que vinha falava que era bom pra ganha dinheiro, eu vim pra cá pra ganhá dinheiro, achava que ia ganhá muito dinheiro, iria ficá bem de situação, num sei o quê, é tipo a ganancia né? Porque a gente, aquela ilusão de ganhá dinheiro, vim pra trabaia (trabalha) pra ganhá dinheiro, é, o negócio foi esse, como Minas era bão pra ganhá dinheiro e o caminhão tava lá e o cara fazia a propaganda que era bão, ai nois vinha, né. Ai nois vinha pra cá, veio muita gente iiii, só irmão meu veio três, tem um sumido até hoje que eu tenho vontade de achá ele mais num acho, esse sumiu pra Goiás. (SILVA, 2018)

Em seguida relatamos sobre longa viagem que os migrantes faziam do Nordeste para o Sudeste, as condições de transporte, a alimentação. Contam que as viagens eram feitas através de pau-de-arara, que era um caminhão com uma carroceria coberta por lona, com bancos de madeira e, naquela época, durava em torno de 15 dias. Segundo os entrevistados vinham amontoados, crianças, mulheres e homens na carroceria do

caminhão. Na maioria das vezes os banhos eram tomados em córregos, e se alimentavam dentro do caminhão ou quando paravam para esse fim.

Os migrantes nordestinos que vinham para a região Sudeste pagavam suas despesas na hora da saída, ou ficavam devendo para o “fretante” do caminhão. Chegando ao destino o fazendeiro pagava as despesas e depois os nordestinos iam trabalhar para os fazendeiros até quitar a dívida.

A viagem não era de forma tranquila ou confortável, pelo contrário, era conturbada e muitas vezes foi feita de forma clandestina, depois que autoridades proibiram a vinda de nordestinos neste tipo de transporte. “Seu” Severino em sua entrevista nos relatou diferentes dificuldades enfrentadas pelos migrantes, segundo ele muitos vinham chorando. Outro aspecto destacado pelo entrevistado eram, por exemplo, as dificuldades para dormir, se alimentar e fazer suas necessidades básicas. O banho era feito em riachos ou córregos que eram encontrados no caminho para o município de Ituiutaba.

Outro aspecto destacado pelo senhor Severino diz respeito a situação de sofrimento por deixar sua terra natal, principalmente a família. Segundo ele, deixou a mãe e a família chorando. Dentro disso, o mesmo enfatiza ainda que no meio da viagem dava vontade de voltar para casa.

É então ah, o caminhão toda vida foi proibido, andá em cima do caminhão, naquela época já era, essa lei é antiga, então já vinha escondido memo (mesmo) por causa disso, pa (para) evita multa de cinto, essas coisa. (SILVA, 2018)

A viagem era oito dia né! Você por exemplo, daqui no Nordeste hoje é, daqui em Natal é 2000 quilômetro, vamo pô (vamos supor) 2800 quilômetro, 2770, então esse roteiro é oito dia, ocê (você) andava um dia, primeiro dia se andava até ali pelas meia noite, uma hora da manhã, parava. Ai a cidade que parava num sei, mais sei que era assim. Ai andava mais um pouco parava, ai farta tantos dias pra nós(nós) chegá, por que o caminhãozeiro sabia tudo, era um cara inteligente, por que , eu por exemplo, sou habilitado pra mim ir no Norte hoje, que é tudo rastreado, tudo com GPS, eu ainda tenho medo, e ele vinha por aqueles mato até chegá aqui. Ai era o seguinte, igual te falei, andava um meio dia, chegava num corgo (córrego) e parava, fazia um cumê (comida) alguma (alguma) coisa, uma farinha com rapadura ou qualquer coisa que, pensão ninguém tinha dinheiro, tomava banho, aquela turma lá, quando tinha água. Depois viajava de novo, ai vinha cansado, as veiz (vezes) uns chorava, uns brigava, uns recramava (reclamava), já tinha deixado a famia (família) e queria vorta (volta) pra trás mas num podia. Tinha uns que ficava meio

doido, corria do caminhão, tinha que ir lá busca ele pra trás, por que já tava (estava) desesperado, o caboco viajando. Até hoje se ocê pega, ocê acho que nunca viajô pra longe, eu acho, se ocê fô po (for para o) Nordeste, vamo supô (vamos supor), de ônibus, que é uma vida boa, ai ocê viaja um dia, da uma tristeza, uma vontade de voltar pra trás, tá tão longe ainda, de ônibus. Hoje ainda gasta três dia, quer dizer dois dia, se fô (for) um ônibus bão, e três noite, naquele tempo era oito dia, fora as noite, (risos) éé. Então era assim, sofrimento, só sofrimento, só sofrimento. (SILVA, 2018)

Como mencionado pelo senhor Severino, no parágrafo acima, a partir de certo momento as viagens de nordestinos que vinham para o município de Ituiutaba estavam sendo investigadas pela polícia, devido as condições das viagens e o modo como os migrantes vinham acomodados. Sobre este aspecto trazemos abaixo uma notícia que circulou no jornal Folha de Ituiutaba no dia 09/02/1963, intitulada “Migração de nordestinos: Polícia vai promover reunião a respeito”.

Pelo que estamos informados, aos (sic) autoridades policiais desta cidade andam seriamente preocupadas com o problema da migração de nordestinos, trazidos para esta zona em leva cada vez maiores. Seriam duas as razões dessa preocupação da delegacia: a presença, cada vez maior, em cada “pau de arara” que chega, de maus elementos, malandros, desordeiros ou ladrões, e a forma, por vezes desumana com que verdadeiros trabalhadores são comerciados e, depois, vivem na zona rural. (“Migração de nordestinos: Polícia vai promover reunião a respeito” *Folha de Ituiutaba* 09/02/1963.)

O que podemos destacar em relação à notícia acima, são dois aspectos, sendo o primeiro deles, em relação ao olhar de desconfiança lançado sobre o migrante nordestino, relacionado, em algumas situações como “malandros, desordeiros ou ladrões”. No momento em que a notícia circulou no jornal Folha de Ituiutaba, no ano de 1963, o cultivo de arroz ainda estava presente. Sobre os supostos índices de criminalidade na região, atribuído à migração, este trabalho tinha como proposta inicial a pesquisa em processos criminais, visando investigar se houve um aumento real da criminalidade, o teor desses processos e a origem das pessoas neles envolvidas. Entretanto, não conseguimos o acesso a esta documentação, impossibilitando o desenvolvimento dessa problemática de pesquisa.

Outro aspecto que podemos enfatizar é o destaque da notícia sobre o modo que trabalhadores nordestinos eram comercializados visando o trabalho nas zonas rurais de Ituiutaba. Esta forma de comercialização ficou conhecida e está presente nos relatos,

apresentados neste capítulo, pois os migrantes ficavam devendo as suas despesas para os fazendeiros e só podiam ir embora após quitarem a dívida com o patrão.

O nosso trabalho tem enfoque maior em migrantes nordestinos que se destinaram para a zona rural do município de Ituiutaba, mas este aspecto não pode ser considerado de forma generalizada, pois houve migrantes que vieram destinados a trabalhar na zona urbana do município. Outro aspecto, que é importante pontuar é o término da orizicultura no município, assim, grande parte dos migrantes nordestinos saiu da zona rural e se destinaram para zona urbana, à procura de empregos, onde se fixaram. Esse aspecto justifica a presença de grande parte dos nordestinos na zona urbana, onde continuam habitando até os dias atuais.

FOLHA DE IUIUTABA

MATADOURO INDUSTRIAL IUIUTABA S. A. Folha Social

Relatório da Diretoria

SANTARÉM

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1963

ATIVO		PASSIVO	
IMOBILIZADO		SAO EXISTENTE	
Imóveis	10.202.417,00	Capital	101.000.000,00
Equipamentos	5.936.522,50	Provisão p. Depreciação	5.200.000,00
Veículos e Utensílios	2.250.812,20	Provisão p. Des. Dividendos	917.504,00
Estabelecimentos e Instrumentos	125.712,00	Provisão Legal	1.379.000,00
Veículos e Móveis	8.803.284,00	Reserva de Reserva	65.000,00
Ativos de Outras Empresas	222.222,00		
Participações	1.122.280,70		
Impostos	600,00		
Reservações	50.688.500,00	RESERVA	142.209.500,00
		A Faltas Passas	
IMOBILIZAVEL	1.142.020,81	Contas a Receber	10.425.000,00
Caixa e Bancos		Dívidas	5.200.000,00
		Provisão Descontos	20.251.700,00
REALIZAVEL		Títulos a Pagar	300.000,00
A Faltas Passas		Impostos a Recorrer	45.000,00
Dividendos a Distribuir	20.214.000,00		
Provisão para Impostos	14.000.000,00	A Lucros Passas	
Provisão para Impostos e Dividendos	52.700.000,00	Contas a Receber	4.200.000,00
Provisão para Impostos e Dividendos	1.000.000,00	Títulos a Pagar	11.000.000,00
Provisão para Impostos e Dividendos	3.000.000,00		
Provisão para Impostos e Dividendos	400.000,00		
RESERVA DE RESERVA	440.000,00		
Provisão para Impostos e Dividendos	314.000,00		
CONTAS DE COMPENSAÇÃO	366.500,00	CONTAS DE COMPENSAÇÃO	702.000,00
Dívidas a Cobrança	300.000,00	Títulos em Cobrança	52.000.000,00
Ativos a Cobrança	50.000,00	Ativos a Cobrança	50.000,00
Ativos a Cobrança	50.000,00	Ativos a Cobrança	50.000,00
Ativos a Cobrança	50.000,00	Ativos a Cobrança	50.000,00
DEMONSTRAÇÃO DA CUSTA "LUCROS E PERDAS" EM 31 DE DEZEMBRO DE 1963		DEMONSTRAÇÃO DA CUSTA "LUCROS E PERDAS" EM 31 DE DEZEMBRO DE 1963	
HABIT		CREDITO	
Saldo do Exercício Anterior	443.500,80	Saldo do Exercício Anterior	443.500,80
Resultado das Operações Sociais	97.764.700,00	Resultado das Operações Sociais	97.764.700,00
Receitas Eventuais	700.000,00	Receitas Eventuais	700.000,00
Previsão p. Dividendos Distribuídos	401.000,00	Previsão p. Dividendos Distribuídos	401.000,00
RENTABILIDADE DO SALDO DESTA EXERCÍCIO	40.200,00	RENTABILIDADE DO SALDO DESTA EXERCÍCIO	40.200,00
Reserva Legal	8.000.000,00	Reserva Legal	8.000.000,00
Reserva de Capital	1.200.000,00	Reserva de Capital	1.200.000,00
Saldo à disposição da Assembleia	40.200,00	Saldo à disposição da Assembleia	40.200,00

Balancete de Abertura Sócios
Diretor Presidente

Pedro Pereira de Andrade
Diretor Conselho

Pedro Desempalme da Silva
Contador resp. CEC. n.º 8038 S.P.

PARCELOS DO CONSELHO FISCAL

Dr. Osvaldo de Melo Pereira
Aray Vilas de Andrade
Atílio Alves de Oliveira

Em 31 de dezembro de 1963, o Conselho Fiscal do "Estabelecimento Industrial Iuiutaba S.A.", examinou devidamente o Balancete e a demonstração da conta "Lucros e Perdas" relativas ao exercício encerrado em 31 de dezembro de 1963, conferindo com os livros e documentos da sociedade, resultando os seguintes dados apresentados nos perfis acima.

SANTARÉM, 2 de fevereiro de 1964

"Bang-Bang" na Assembleia Legislativa

Um incidente curioso e inesperado ocorreu na sessão de ontem da Assembleia Legislativa...

Constituída a nova Mesa da Assembleia Legislativa

O dep. Luiz Junqueira é o 2.º secretário

Emplacemente de carros particulares encerra-se dia 28

A Delegacia de Polícia Municipal, após uma semana de trabalho, encerrou o trabalho de emplacemente dos carros particulares...

Migração de nordestinos: Polícia vai promover reunião a respeito

Uma comissão formada pela Polícia Municipal e pela Prefeitura Municipal vai promover uma reunião a respeito da migração de nordestinos...

A Semana Inglesa vem aí!

O dia 20 de fevereiro de 1964 será o dia da Semana Inglesa em Iuiutaba...

Figura 4: "Migração de nordestinos: Polícia vai promover reunião a respeito" Folha de Iuiutaba 09/02/1963.

O senhor José Nascimento dos Santos, em sua entrevista, enfatiza que o motivo da migração foi as dificuldades financeiras que enfrentavam no Nordeste. Segundo ele, o seu pai vivia "no mundo" (fora de casa) atrás de trabalho e a família ficava passando necessidade de utensílios básicos e também de alimentação. Diante disso, o seu pai

decidiu vir para Minas Gerais, quando ele, “seu” José, era ainda uma criança. No trecho da entrevista abaixo, indagamos sobre o trabalho, os tipos de atividades desenvolvidas na região Nordeste.

Para quem? Pro fazendeiro Joaquim Cândido de Carvalho aqui né, lá, no Nordeste era novo num trabaia (não trabalhava), vim trabaia (trabalhar) aqui em Minas né, vim pra cá com doze ano de idade, aqui em Minas que eu vim trabalhá. No Nordeste era moleque, num trabaia. A vida da gente, financeira, meu pai só vivia no mundo, a gente passano (passando) necessidade por que num (não) tinha, é, resolveu vim aqui pá Minas. (SANTOS, J. 2019)

Sobre a viagem, o caso do “seu” José Nascimento, foi único entre os entrevistados para esta pesquisa, pois, conforme relatou, enfrentou três tipos de transportes para chegar até uma fazenda no município de Ituiutaba. Segundo ele, quando a migração ocorreu, no ano de 1943, na época em que veio, ainda não tinha condução direta de pau-de-arara para o município de Ituiutaba.

Ai com 12 ano eu vim aqui pra Minas. Ai a viagem foi cumprida viu meu amigo, nois vei (nós viemos) um pedaço de pau-de-arara, depois pegamo (pegamos) um navio no Rio São Francisco, viajô uns quinze dia, depois pegô um trem pá Belo, pru metro de Uberaba pá Belo Horizonte, depois pegô outo pro Uberlândia, é assim que tem que falá é? (Risos) (SANTOS, J. 2019)

O “seu” Mário, quando indagado sobre os motivos da vinda para Minas Gerais, destacou que foi pela insistência de seus amigos e familiares em geral, e também pelos aspectos financeiros. Pois, segundo os migrantes que iam e voltavam para o Nordeste, enfatizavam que o ganho e a vida em Minas Gerais, era melhor, economicamente e socialmente. *Ah, um chama ocê, outo chama outo, tali coisa e tal, bora rapaiz vamo, vai na ideia dos outo né.* (SANTOS, M. 2019)

Segundo “seu” Mário a viagem ocorreu da seguinte maneira:

Os cabra, que vei (veio) e viero (vieram) aqui e falava pá nois (pra nós), falava, oh, tinha até os nome dos fazendeiro, que num (não) vai trabaia (trabalha) pra ele não, um tal de Marega, falou uns quatro né, que era boca quente. Ai quando eu cheguei aqui, qual é o nome fazendeiro, é fulano de tal, ai nois viemo, a viagem (viagem) que foi ruim rapaiz! (rapaz) Quinze dia em cima do pau-de-arara, banco de taba (tabua) e por baixo forrado de, saquim (saco) de sal, as muierada (mulherada), vinha umas muié (mulher) com menininho, quinze dia em, no mei (meio) do mundo, cortando vorta (volta), de modo que era pau-de-arara, gente que num sabia que era gente não, tudo coberto. (SANTOS, M. 2019)

Temos, também, o relato da experiência do “seu” Inácio, que veio para o município de Ituiutaba com a sua família, depois do seu pai, que veio primeiro. Ele conta que veio de pau-de-arara, mas não veio vendido, pois o seu avô já havia pago as suas despesas, e que já tinha o local de destino onde a família já estava situada em uma fazenda. Inácio enfatizou que ficava sabendo dos trabalhos no município de Ituiutaba e também das viagens, através de migrantes que foram e voltaram para o Nordeste, segundo ele, os primeiros que vieram para a região na década de 1940:

Ficava vindo (sabendo), através dos primeiro que vieram pra cá, na década de 40, entendeu? Mais antes até um pouco, alguns vinha pá (para) São Paulo mesmo que pó (pro) interior, ai voltava, sabe! O sistema de migração apesar de muito difícil na época, mais memo (mesmo) assim tinha um pouco (pouco), ai o povo comentava muito sobre aqui, deixava o povo muito curioso. Inclusive os primeiro que viero (vieram) de cá, eu sô testemunha disso, ia pra lá, ficava falando que aqui tinha pé de árvore, aqui tinha árvore que o sujeito levava, trabalhava num sei quantos machadeiro. (GOÉS, 2019)

A referência à árvore, “que trabalhava num sei quantos machadeiro”, remete à qualidade da terra, que ajudou a construir o imaginário sobre a riqueza e a fartura da região, atraindo muitas pessoas. Sobre a viagem o “seu” Inácio destacou que passou mal durante o trajeto, pois os alimentos que eram oferecidos não faziam parte de sua alimentação no Nordeste, segundo ele, a comida que era fornecida no caminho era oleosa, já os alimentos que ele estava acostumado, eram mais secos. Sobre os banhos, segundo ele, se tomava em córregos ou, em muitas situações, nem se tomava banho. Alguns cozinhavam durante o caminho, nas paradas que o caminhão fazia.

A viage (viagem) foi feita de pau de arara, inclusive como eu falei anterior, o meu pai vei (veio) primeiro, eu vim depois, berano, aproximadamente uns dois ano. Ai era tudo de pau de arara, inclusive quando eu vim eu gastei 14 dia, o caminhão tinha encravado cerca de umas 24 horas, eu gastei, era muito difícil, mais a gente achava fácil, por que num conhecia o que era melhor (melhor). Andá de caminhão naquela época as veiz (vezes) era um privilégio pá (para) muitos, entendeu? 1951, só quem nasceu antes, igual eu, que já tem uma compreensão, que sabe o que significa 1951, e num (não) foi criado assim num bem tão social na cidade, foi criado no sítio na fazenda né, pra podê sabê. (GOÉS, 2019)

Sobre a viagem o senhor Francisco Moura destacou que demorou treze dias e que veio com uma perna no banco e a outra no pneu de estepe do caminhão. Sobre a

alimentação destacou que levou rapadura e farinha, para a viagem, e que veio comendo no caminho, até chegar no município de Ituiutaba para poder escolher um destino para trabalhar em alguma fazenda, pois, segundo ele, pagou a própria viagem.

Chegava no caminhão, vinha como nós vei (nós viemos) com 60, um caminhãozinho toco Chevrolet, em 63 pessoas, entre adulto e pequeno. Meu lugar, que sobrô pra mim vim, de lá aqui, lá de onde eu saí pra vim pra cá, foi o derradeiro banco da traseira do caminhão, eu com a metade das, com uma parte da perna em cima do banco e a outra no pneu de estepe, por que não tinha onde sentar mais. E nós vei (nós viemos), sabe quantos dias nós gastô? Nós saimo de lá dia 13 (de maio) de 1953, chegemo aqui dia 23 de maio, foi treze dia na estrada. (MOURA, 2018)

Podemos perceber, a partir dos relatos, as diversas justificativas para a migração nordestina para o município de Ituiutaba. As mais recorrentes, giram em torno da busca por melhores condições de vida, principalmente de trabalhos melhores e ganhos maiores. Outro aspecto que foi recorrente é o destaque dado sobre a seca. Segundo eles, este aspecto era um obstáculo comum, mas que possuía consequências alarmantes, como por exemplo a dificuldade de cultivar lavouras na região, dificultando a produção de alimentos.

Neste tópico, nos deparamos, também com as diversas situações enfrentadas pelos migrantes nordestinos durante a viagem, como as refeições, a forma de tomar banho e de dormir. Esses aspectos dizem sobre a situação constrangedora do banho em córregos, dormir em redes espalhadas pelo mato ou no próprio veículo. Percebemos que era desprovida de confortos ou até mesmo de segurança para os migrantes, que enfrentavam movidos pela esperança de encontrar melhores condições de vida e de trabalho em outra região.

Outro aspecto que podemos destacar é de como esses migrantes, em algumas situações, sofriam por deixarem seus familiares e sua terra natal. É interessante destacar que muitos só traziam, de sua terra, uma mala com seus pertences, e suas subjetividades, visão de mundo e esperança de conseguirem novas oportunidades de vida que fossem melhores do que aquelas vivenciadas em seus locais de origem.

No próximo tópico, abordamos sobre as questões ligadas à vida e o cotidiano dos migrantes nordestinos no município de Ituiutaba.

3.4 CHEGADA NO MUNICÍPIO DE ITUIUTABA

Buscamos, a partir deste tópico, analisar as memórias sobre a chegada dos migrantes nordestinos no município de Ituiutaba. Analisando as experiências referentes ao trabalho no município e o cotidiano dos trabalhadores é possível perceber sobre estranhamentos entre os habitantes, sobre os preconceitos, as relações de trabalho, as relações com o patrão e o cotidiano mais trivial, como, horários de refeição, banhos e o lazer, como os bailes.

Os nordestinos, quando chegavam no município de Ituiutaba, iam diretamente para as pensões, onde recebiam comida ou até mesmo dormiam, enquanto esperavam a chegada de fazendeiros e serem “escolhidos” para trabalharem em suas fazendas. O “seu” Severino relata que:

Ah, quando eu cheguei aqui, ai caminhão parô lá na pensão né, na pensão São Pedro. Ai todo mundo apiô (desceu). Ai cada um já tinha os quarto né. Ai a pensão já tinha, nós (nós), chamava de quarto né, ai dois quarto, um quarto, por exemplo, pegava quatro cama lá, duas beliche, e dois durmia em cima, dois em baixo, ficava lá, esperando o patrão chegá pá (para) leva ocê (você) lá pá (para) fazenda. Ai ocê tinha que esperá, ficava lá, comendo, fazia um prato de comida, por que se fizesse dois, ai era três conto cada um, ai ocê ia ficá devendo demais. Mais um (prato) dava pra quebra o gai (galho), tava (estava) parado memo (mesmo), mas era acostumado a cumê (comer) mais, memo que fosse farinha, feijão puro, mais nós (nós) comia mais, mais um dava pá quebra o gai. Ai nós ficava lá conversando aquela turma lá, pá onde nós vai, recramando, lembrando do Norte. (SILVA, 2018)

Segundo o relato do “seu” Severino, ele veio do Nordeste vendido, era como se fosse uma mercadoria, ou um animal, sem direito a nada, uma vez que não poderia escolher com qual fazendeiro iria trabalhar, ou para qual fazenda ir. Teria que acompanhar o fazendeiro que quitasse a sua despesa com o “fretante” e em seguida quitar a sua dívida para poder ir embora para onde quisesse. Segundo ele, os nordestinos ficavam em fila para serem escolhidos pelos fazendeiros, que olhavam na cara de cada um, observavam o porte físico e escolhiam quem quisessem:

Até que um dia chego lá, chegava lá, um fazendeiro, i pegava lá, vamos supor: o cara, tinha trinta home lá, a disposição, vamos supô. Vinha mais, mais vamô supô (vamos supor), trinta home. Ai o fazendeiro falava: faz uma fila ai, então saia e ficava tudo de pareia, aqui uma fila (encenando como era), num oiava (olhava) na cara não!

Oiava ocê (olhava você), assim ne mim, e falava assim: “vem ocê pra cá”. Ai oiava notô (olhava no outro): “vem ocê, vem ocê”. Tirava quem ele queria, no meio da turma, pra trabaiá (trabalha) pra ele entendeu? Ele tirava pela cara, pela filosofia (fisionomia). Ele oiava e “aquele me serve”, a mesma coisa de boi. Você compra boi no pasto, ai, ai, vamô supô, tinha 30, ai leva 10, tirava 10 nos 30, se fosse, ai tava (estava) aqui, se fosse pra ir pra Mato Grosso, tinha gente que levava, entendeu? Gente que vinha aqui pá pegá gente, pá leva pro Mato Grosso, precisava de tantos companheiro lá, tinha muitos fazendeiro aqui que tinha fazenda no Mato Grosso, Goiás, toda banda, e eles levava muito daqui, pá toda banda. Tava aqui em Minas Gerais, mais daqui levava pá toda banda. Nós escoeu (escolheu) aqui, por que o caminhão veio pra cá, pá Ituiutaba entendeu? Mais daqui se tivesse que i pro Mato Grosso, nós ia, porque nós tava devendo. Agora, tinha companheiro que era imbirrado: “não, eu num vou pro Mato Grosso não! Vou fica aqui em Minas, num vou não!” Ai o fazendeiro, o dono do caminhão, num gostava porque o cara tava escoienu (escolhendo), mais ficava, ai ficava por aqui mesmo. Então era assim, ai levava pá fazenda. (SILVA, 2018)

Nessa lógica, as despesas dos migrantes nordestinos na pensão eram pagas pelos fazendeiros, incluindo as despesas da viagem que foram custeadas pelo “fretante” do caminhão. Os nordestinos, que vinham nessa condição, tinham que trabalhar para quitar a dívida para depois poder escolher o local que iria trabalhar, ou começar a receber pelo trabalho desenvolvido. Ele frisa que os “fretantes” dos caminhões não gostavam dos indivíduos que ficavam escolhendo para onde iriam, percebemos assim que, em muitas situações, era preferível que os migrantes não escolhessem o local de ida, teriam que seguir o fazendeiro que pagasse as suas despesas e assim ir trabalhar na fazenda, sem resistência.

Outro aspecto destacado por “seu” Severino diz respeito ao modo como eram escolhidos, enfatiza que era como se fosse escolher boi no curral, ou no pasto, eles só olhavam na cara e o perfil da pessoa e assim escolhiam quem queria para trabalhar nas fazendas.

Por outro lado, o entrevistado Francisco Moura teve uma experiência um pouco distinta, em relação ao seu Severino Batista. Ele relatou que veio para Ituiutaba no ano de 1953, vindo da cidade de Ruy Barbosa, e que não veio devendo suas despesas ao “fretante” do caminhão. “Seu” Francisco afirma que pagou suas despesas, pois queria escolher por onde iria andar quando chegasse aqui no “Sul”. É importante observar como enfatiza que quando chegasse ao município de Ituiutaba queria ficar livre, ou seja, juntou economias para pagar as despesas da viagem, pois assim não ficariam à mercê

dos fazendeiros, segundo ele, poderia assim ir para qualquer fazenda que fosse melhor para trabalhar e que possuísse uma rentabilidade maior:

Chegasse aqui meu fii (filho), vou te contar ocê (você) ia pra fazenda, enquanto você não pagasse a conta não tinha direito de nada. Ai nós (nós) pagô antes de nós subi no caminhão, nós pagô a passagem pá quando chegá aqui nós ficá livre. Quando nós chegemo (chegamos) ali, mais ou menos, ali na pensão São José, ali na 26, tinha um fazendeiro conhecido nosso, ele morava em Santa cunha do iarê, (Santa Cruz do Inharé) lá pertim de Natal. A família dele era de lá, ele tinha uma fazenda aqui ó, sê sabe onde é a usina? (MOURA, 2018)

Outro aspecto que podemos destacar é a informação de que nem todos os migrantes vinham por questões financeiras. Francisco Moura, em sua entrevista, enfatizou que veio também por curiosidade em conhecer o “Sul” e também por querer ganhar dinheiro, uma vez que em sua região muitas pessoas comentavam que em “Minas era bom de se ganhar dinheiro”. *Não de jeito nenhum, por que o negócio meu era conhecê o Sul, aquela ilusão danada né! Ai eu sismei.* (MOURA, 2018) Ele conta que a chegada em Ituiutaba, depois de uma viagem difícil, foi na pensão São José:

Então lá em Ruy Barbosa, nesse Pingo d’Água, na currutela (cidade pequena) lá, tinha um rapaz que o serviço dele era só freta caminhão que vinha pra cá e chegava aqui, ali na 26, o ponto final era ali na 26 na pensão São Pedro e na Pensão São José. A pensão São Pedro tem lá até hoje só que é Quirinópolis e a São José não tem mais, só que tem um barracão subindo na 26 na esquina da 7 subindo assim, tem um barracão de oficina. Ali tinha a pensão São José ai o ponto final do caminhão uma vez foi de frente a pensão, ai quando nós chegamo (nós chegamos) o caminhão parô, era assim de fazendeiro (gesto da mão, com os dedos juntos, significa que a pensão estava com bastante fazendeiros) pá leva tudo pra. (fazenda) (MOURA, 2018)

Como vimos, os fazendeiros faziam as despesas dos migrantes, que vinham da região Nordeste para Ituiutaba e muitas vezes, quando desembarcavam nas pensões São Pedro e São José já eram esperados para irem direto para as fazendas. Percebemos, também que as pensões eram locais de encontro entre as idas e vindas de migrantes nordestinos, onde chegavam se acomodavam e aguardavam a chegada dos fazendeiros, que procuravam por trabalhadores, quando precisavam de mão de obra, chegavam e escolhiam.

Notamos também que a migração nordestina movimentava a cidade e as pensões, local sempre cheio pelas levas de nordestinos que iam e vinham do Nordeste para o município de Ituiutaba. Os nordestinos vinham para desbravar vastas extensões

de terras, que passaram a ser cultivadas aumentando a produção de grãos, e movimentando a economia.

Após a chegada e estabelecimento dos migrantes nordestinos nas fazendas os mesmos iam trabalhar na roça. Vamos destacar os diferentes tipos de trabalhos que desenvolviam e as diferentes rotinas de trabalho, alimentação, moradia e o seu cotidiano.

Segundo o seu Severino a rotina de trabalho na fazenda variava com as estações do ano, o período de chuva e o período de seca.

Lá na fazenda quando tava (estava) chovendo nós (nós) prantava (plantava) né, prantava arroz, feijão, prantava tudo na fazenda né. Não, feijão até que num era muito que prantava (plantava) aqui não, nós prantava arroz (arroz), prantava mii (milho), prantava algodão, naquela época tinha muito algodão, era, tinha muito algodão também. Eu panhei muito algodão também, e, então era, o desenvolvido era a lavoura mesmo. Ai lá nós (nós) prantava, capinava, coía (colhia) né, então era isso. E quando era na seca, seca ficava ruim de serviço, fazia cerca, essas coisa. Na seca também tava (estava) ruim de serviço, muita gente dispensava os companheiro, por que se os companheiro num fosse bão (bom) de serviço, era tipo uma empresa, a mesma coisa, uma empresa o cara não for bão de serviço tem uma época que fica ruim né, “ah,vamo dispensa o fulano, fulano, por que não tá bão, não tá precisano, vamo dexá aquele lá”. Então a fazenda era desse jeito. Fazendeiro tem lá 10 peão, ai ficô ruim de serviço na seca, o serviço tá pingado, dispensa um bucado (quantidade) e quando o cara vai, ai cara ficava sem lugar de ir, por que num tinha parente, num tinha nada. Tinha gente que passava até fome andando no trecho, chamava trecho com a mala nas costa caçando serviço, era assim, mas era, eu sempre tive sorte graças a Deus, eu sempre fui daquele cara, se você chegasse assim e falasse: “Severino racha um pau de lenha ali”, eu corria e rachava. “Ajuda eu batê um sabão aqui”. Ai eu ficava meio conhecido dos fazendeiro. Lá nós fazia o sabão, ai eu batia o sabão, ganhava bola de sabão, eu memo lavava minha roupa no corgo (córrego), eu ia pro corgo, a água passando aqui e eu punha uma talbá pu riba (tábua por cima) e lavava roupa. Agora, roupa de passeio eu pagava prá lavá, duas, três pareia (conjunto) só, as outra eu lavava. Então a vida era essa. **(Não audível)** a lavoura mesmo, a lavoura. (SILVA, 2018)

Outro aspecto destacado por seu Severino era que não se tinha uma carga horária de trabalho fixa, diária ou semanal, mas sim, uma relação com o dia. Segundo ele quando amanhecia ele e seus companheiros de trabalho já iam para a roça desenvolver os trabalhos, como capinar, plantar e outras atividades relacionadas com o campo.

O horário de trabalho da fazenda era o seguinte, amanheceu ocê (você) tinha que ir, e só vinha quando o sol estava entrando, é. Ai num

tinha hora não, a hora é o dia. Nessa primeira fazenda que eu fui, só pro cê ter uma ideia, aonde eu fui pagá a minha conta, 4 e 30 da manhã o gerente tava gritando, o dono aqui era muito rico, muito conhecido, uma hora, fora da entrevista, te digo quem que é, só pra ocê (você) sabê! Ocê conhece demais da conta, todo mundo conhece, a região inteira, mais, ele era muito bão (bom), só num (só não) que, só o nome que eu num falei, era gente boa pra tratá, foi bão, num (não) tenho nada pra clamá dele. Ai 4 e 30 o cara tava (estava) gritando: “levanta peãozada! O café tá pronto”. Ai todo mundo bebia o café e já corria pra roça, o dia amanhecia ocê já tava trabaiano (estava trabalhando), clareô ocê começava, num tinha horário não. Horário era o dia, a hora, até hoje ainda tem uma fazenda ai, que de vez em quando eu vou lá passear, os cara fala assim ó, hoje o cara que trabaia, antigamente amanhecia o dia e trabaiaiva (trabalhava), por que era assim memo (mesmo). Hoje mudô, tem horário, mas antigamente num (não) tinha não, manheceu (amanheceu) o dia ocê tinha que trabaia (trabalha), até escurecê, pagava o seu dia, chamava o dia. Hoje o povo trabaia (trabalha) por hora assim, a que na cidade na empresa sempre foi, mas na fazenda não, sê ia trabaiaí um dia, tinha que trabaiaí o dia inteiro, num importa que tamanho fosse o dia (risos), é, era desse jeito. (SILVA, 2018)

Percebemos, por meio do depoimento, que na época não tinha uma regulamentação sobre o horário de trabalho para os migrantes nordestinos e trabalhadores do campo em geral. O fazendeiro que determinava o horário de trabalho, das refeições e as atividades que os mesmos iriam desenvolver no dia. Mesmo em algumas situações de migrantes nordestinos que não estavam devendo aos fazendeiros, eram submetidos ao mesmo regime de trabalho vigente na fazenda, que regulava o início e término da jornada de trabalho e pausas para as refeições.

O senhor Francisco Moura passou uma situação de desentendimento, com o patrão fazendeiro, logo no primeiro dia de trabalho na fazenda. Ele conta que ficou responsável por fazer tijolos na olaria em determinada fazenda e que o jeito de se fazer tijolos no Nordeste era diferente em relação à maneira da região Sudeste e relatou como eram os procedimentos:

Rapaiz! Vou te fala! E nós (nós) chegô lá, eu, meu primo e o Antônio, ai ele falô assim: -“Oh meninos”, ele falava de meninu, por que eu tinha o apelido de Chicó né. Ele já me conhecia e falava assim: “Ô Chicó, aqui é o seguinte, o serviço daqui é fazê tijolo”. Rapaiz! Mais a fazenda de tijolo lá do norte era diferente com a daqui uai! Ai eu falei: “Então está bom”. Tinha um nortista, um tal “seu”Antônio, e que era o gerente da fazenda né. Ai quando nós (nós) chegô lá, ai foi dividi a turma né! Eu o Ânitoim (Antônio) e o João né! Ai o véi(velho) falou assim né, falou assim né! “Uai meninu, o negócio é o seguinte, Chicó vai fica aqui pá ajuda massá o barro pá turma fazê o tijolo né, e o Antônio, mas o João vai entrá pó cerrado ai e vai cortar poste de cerca a três mirreis a dúzia”. Bão, (bom) ai quando eu oiêi (olhei)

aquilo lá rapaiz (rapaz), os cara fazendo os tijolo e mais ai, eu vi um cocho, um troço de taba (tábua) com aquele palzão cumprido assim (fez gestos com a mão) ai ele falou assim, ai o gerente falou assim:, “Ô, aqui é o seguinte, sê vai enchê isso aqui de barro pegá a pá em riba (em cima) dessa taba aqui e enchê ele, depois que enchê você vai jogando água e você toca aquele cavalo lá pra ele fica amassando né”. (MOURA, 2018)

Continuou relatando sobre como executou o trabalho e a sua dificuldade de adaptação ao sistema, que gerou um pequeno desentendimento:

Ai quando eu enchi a masseira de barro, joguei a água e o cavalo começô a tocá de roda assim(fazendo o gesto com a mão), foi lá aquele monte de **[não compreendido]**ai eu fui lá peguei, tinha uma tampa assim que puxava pra cima e o barro começava a sair, e eu tinha que encher aquele carim (carrinho) de mão, de levar lá pros peão quetava lá embaixo no chão. Pô (colocar) as forma né! E enchia de barro e tirava pá num (pra não)... Ai eu levei o barro pra lá, quando eu comecei a enchê, enchi de novo, ai quando eu tava com, acabando de tirá, o gerente chegô e falô assim ó:“Es (eles) tão reclamando lá que o barro saiu duro”. Ai eu pensei, tabão (está bom).Ai na outra eu puis (coloquei) mais água né, daí quando eu comecei a tirar o barro, sai pra es i trabaia (trabalha), num (não) foi duas viagem que eu levei o gerente chegô e falô assim ó:“Eles tá recramando (está reclamando) que o barro saiu mole rapaiz!”(rapaz) Mas aquilo foi me dando, foi me esquentando, foi me dando um nervo, ai eu pensei ai aiai, ai... Eu falei pra ele: “Oh, negócio é o seguinte, o sistema de fazê tijolo lá na minha terra, num é desse jeito aqui. ”Então, ai elescumeçaram (começaram) a reclamá, joguei mais terra, mais o barro saiu duro né! Rapaiz!! (rapaz) Daí um pouco ele chegou e falou: “Poe mais água.” Quando ele voltou os cabra disse que saiu mole.Rapaiz! Aquilo me ferveu a cabeça, eu tava(estava) com o cabo do carrim (carrinho), assim, com as duas mão,só fiz assimó! (movimento com as mãos) Joguei o carrim num dez metros pra baixo assim. Falei: “Oh, não vou por a mão nessa porcaria de jeito nenhum! Viu! Num vô trabaia (trabalha) nesse serviço aqui de jeito nenhum! Se num tive outro vou embora. ”Agora, num tava (não estava) devendo pro patrão né! Ai, o vei(velho) morava aqui na cidade, o dono da Fazenda. (MOURA, 2018)

O que podemos perceber através desta situação é que quando os migrantes nordestinos vinham para Ituiutaba em uma circunstância em que não estavam devendo para os seus patrões, os mesmos possuíam um pouco mais de autonomia em relação ao tipo de trabalho que queriam desenvolver. Outra questão diz respeito à dificuldade em relação a procedimentos diferentes na realização de tarefas, de se adaptar a modos de trabalho diferentes daqueles que executavam na terra natal. Caso do senhor Francisco Moura, que não conseguiu o ponto do barro utilizando tecnologia de trabalho diferente da que era desenvolvida na sua região. Preferiu trabalhar em serviços relacionados ao campo ou na roça. Após tal desentendimento, como vimos acima, ele e seus

companheiros foram limpar uma plantação de mandioca para o fazendeiro que os havia contratado. Segue o diálogo entre o senhor Francisco Moura e o fazendeiro, negociação para o trabalho de limpa do mandiocal, após o pequeno desentendimento na atividade de fabricação de tijolos.

(Fala do fazendeiro) – “Então vamu faze o seguinte, calma, que vamu fazer assim, eu tenho um mandiocal ali em cima pá limpa o mato e os seis num vai. Pelo menos seis vão limpa o mandiocal pra mim de enxada”. (Fala Francisco Moura) - Porque de enxada, nois sabia faze tudo né! Ai quando ele falou assim eu falei pôs mininu, comé que é? Seis vai? Seis qué ficá pa nois limpá o mandiocal dele de enxada? Não, nois fica. Rumô uma enxada pra cada um, ai nois dormiu lá no barracão né, nois trabaiô nove dia pá termina, pá faze esse serviço, termino os nove dia num tinha outro serviço né, ai ele chegou lá e nois foi acertá. (MOURA, 2018)

O senhor José Nascimento dos Santos veio do Nordeste, ainda criança, e devendo as despesas. Conta que desembarcou no ano de 1943, direto na fazenda do patrão, e lá foi trabalhar junto com a sua família nas lavouras e também desbravando as terras para futuras plantações de lavouras de arroz.

“Seu” José destacou ainda que, após esse longo trajeto, com diferentes embarcações, ainda se percorria um trajeto de seis quilômetros até chegarem na fazenda. As conduções como cavalo, carroças, ou carro de boi eram para levarem as crianças ou algumas malas trazidas pelos migrantes.

Num (não) existia condução naquela época, meu amigo. Condução era cavalo, os cara veio buscá o povo pá (pra) leva, só criança e alguma (alguma) mala pesada, e era muita gente que vinha aqui. Ia tudo pá (para) fazenda, num era só nois quato (nós quatro) não, era nois quatro, outro amigo nosso, tinha mais uns quatro, e assim e outros mais, vizinho que veio e foi tudo pás (para) fazendas. (SANTOS, J. 2019)

Sobre a relação com o patrão o senhor José Nascimento destacou que não teve problemas, segundo ele trabalhou muitos anos para o mesmo fazendeiro, não recordando assim de nenhum tipo de desentendimento. Quando indagado sobre as casas onde moravam, enfatizou que as mesmas eram feitas de pau a pique e cobertas de folhas de coqueiro. As casas eram construídas perto das residências dos fazendeiros, porém eram em áreas separadas e, normalmente, construídas com materiais diferentes:

As paredes eram de pau, pau a pique. Uns era coberto de capim, outros era coberto de teia (telha). Eu já morei em casa de capim, pau a pique, o piso era o barro, num (não) era cerâmica, Hum hum. Chão batido. Fazia de capim, depois quem podia, quando podia (podia)

fazia uma casinha de teia (telha), mais, fazer de tijolo, ninguém usava de tijolo não, só fazendeiro. (SANTOS, J. 2019)

Os banhos eram tomados nos córregos ou utilizando latas de água retiradas da cisterna. Sobre as roupas, informa que também eram lavadas nos córregos, na época do frio a água ficava muito gelada, então esquentava água no fogão a lenha, ou senão, tinha que tomar banho na água fria.

Tudo no meio do mato é. Lá na fazenda assim se fosse uma fazenda que não tivesse corgo (córrego) perto, ai tinha uma cisterna, ai nois puxava água e tinha um fechadinho assim um comuduzinho fechado. Lá perto do nosso chatão lá né, porque sempre tinha muié nas casa né, ai nois tumava banho escondido num luga lá e jogava a lata na cabeça, podia ta frio, mas sempre em toda fazenda tinha um corgo perto. Mineiro tem uma mania de fazer casa perto dos corgo, naquela época né, hoje eles já mudaram, até que é bão, ai nois ia nos corgo pá tuma banho, chegava nesse frio e tumava banho tudo no corgo. (SILVA, 2018)

O entrevistado Mário, conta que chegou no município de Ituiutaba devendo a passagem e que foi escolhido “a dedo” para pagar sua dívida em uma fazenda da região. Segundo ele, os fazendeiros mandavam os nordestinos fazerem uma fila e assim iam escolhendo quem queriam para trabalhar nas lavouras. Essa situação se assemelha à relatada no depoimento do senhor Severino, já destacado em outro momento do texto, referente ao modo como os fazendeiros escolhiam seus trabalhadores.

Pra eles pagá (pagar) aqui, pá nois (nós) pagá, eles pagava tudo, ai nós chegemo (nós chegamos) na pensão aqui, na pensão ali no posto da sete, no Omar. O sogro dele (Chico Binha) tem uma pensão ao redor de trás assim né, e ocê (você) ficava e pagava a conta da turma, o caminhãozero que trazia né. Ai o, lá, o fazendeiro chegava e tirava a gente, trazia a turma, vinte que veio no caminhão, vinte, trinta peão, o cara falava: “quero vê (ver) a turma”. Ficava aquela turma de gente assim, ai o cabra espiava, espiava,(olhava) “eu quero aquele lá, eu quero aquele”, eles escoía (escolhia). Rapaiz! (rapaz) E dava certin (certinho), por que lá num (não) vem gente de uma fazenda só, vem sorteado, ocê num conhece, as veiz (vezes) uma pessoa, ocê conhece. (SANTOS, M. 2019)

Em relação à moradia e os momentos de banho, o relato do seu Mário não foi diferente dos outros depoimentos, quando indagamos sobre as características da moradia: *Fazia uns barraco (barracos) de fôia (folha) de coqueiro, barraco de bacuri, era lá perto da fazenda mesmo.* (SANTOS, M. 2019, P. 4)

E em relação as características e o modo dos banhos, ele conta que:

Na, de cisterna, de litro sabe? Ocê (você) tirava um latão de 200 litros, era aquele total. Você tumava (tomava) banho, lavava roupa, lavei muita roupa naqueles corgo (córregos), naquela época num (não)

secava, aqueles corguim ficava direto correno água, hoje em dia não né? Hoje em dia seca tudo. (SANTOS, M. 2019)

Interessante destacar a referência que o senhor Mário faz sobre a mudança do clima na região, quando comenta que a água dos córregos não secava nos momentos de estiagem, o que hoje ocorre.

Na entrevista do “seu” Inácio, ele destacou que chegou direto na fazenda em que sua família já estava, no ano de 1951, uma vez que seu pai veio primeiro e em seguida o seu avô o mandou. Ele afirma que na época, em 1951 estava com a idade de 15 anos.

O caminhão que eu vim parô na Escondida, na fazenda do..., esqueci o nome da fazenda agora, a fazenda Escondida de propriedade...eu num (não) lembro, na época assim. Aí quando eu cheguei lá, eu vim com um parente meu, inclusive, esse cidadão que eu vim com ele, depois, o irmão dele casou-se com minha irmã, e é de família assim tudo bem aproximada sabe? Nós (nós) considerava como parente coisa e tal. (GOÉS, 2019, P.5)

Indagamos sobre o tipo da moradia em que viviam, e o senhor Inácio respondeu que:

A casa onde nós (nós) morava e as demais, pelo fato do fazendeiro lá ter uma serraria, e naquela época madeira era muito fácil por causa da terra muito boa, produzia muita madeira (madeira). Era tudo feito de casqueiro (tipo do corte na madeira), e o chão era duma pisarra (barro) que dava nos fundo da cisterna lá, que era amarelin (amarelinho), se botava no chão assim, batia com, num (não) precisava né. Jogá um poço de areia. (GOÉS, 2019)

Sobre os banhos o “seu” Inácio relata que:

Aqui, fazenda nós tumava (nós tomava) banho, como eu acabei de conta, na fazenda que nós (nós) morava tinha uma serraria; ai o nosso banheiro era feito de casqueiro, fincado no chão com tablado. Meu irmão, meio metido a carpinteiro, fez, pegô um saco de linho, o saco de linho, ai tinha uma moita de bananeira assim, a porta era pú lado da (bananeira) com o saco de linho, nós tumava banho de cuia de lata. Ai chegava sujo, muito sujo, por que naquela época as terra, principalmente de lá, era muito boa, enquanto mais a terra é boa, mais a gente suja, por que ela levanta mais aquele pózão. (GOÉS, 2019)

Outro aspecto que buscamos analisar nas entrevistas foram os modos como os migrantes nordestinos dormiam, ou seja, como eram os tipos de cama que usavam na roça. De maneira geral os entrevistados disseram que o colchão usado na época era improvisado, como por exemplo, de palha de milho, sacos de arroz. Segundo o senhor Inácio:

Nosso colchão, eu tinha, inclusive eu tinha dois, um deu cobri e oto (outro) deu deitá. O de deitar era recheado de paia de mii (milho), tirava aquelas cabeça, rasgava palha pra ela fica macia, por que gastava bastante palha pra ela afofá. Era de saco de linho, os colchão era enchido, de saco de linho, pegava dois enchia depois amarrava as boca assim, marrava, costurava, deitava nos jirau de taboca (tipo de bambú) por baixo. (GOÉS, 2019)

Podemos concluir através deste tópico que o cotidiano na roça, como relatado pelos nordestinos, não era fácil, era uma rotina intensa de trabalho e enquanto não pagassem a sua dívida não estariam livres para procurar outro trabalho. Ao relatar esse cotidiano, temos por objetivo analisar essas particularidades da vivência dos nordestinos, não para considera-los como vítimas da história, mas para conhecer a sua trajetória e o protagonismo de suas vivências.

Claramente, notamos uma situação de pobreza e fragilidade social nos casos analisados, os exemplos estão no modo como vieram, as dificuldades da viagem, as casas em que moravam e o modo que tomavam banhos ou lavavam as suas roupas

3.5 RELAÇÃO ENTRE MINEIROS E NORDESTINOS

A relação entre os mineiros e os nordestinos foi marcada, em primeiro momento, por um certo estranhamento. Entre os cinco entrevistados apenas três revelaram ter sofrido algum tipo de preconceito, ou percebeu um olhar de estranhamento por parte da população local.

Seu Mário, em sua entrevista, destacou que teve alguns estranhamentos com mineiros em bailes e horários de lazer, segundo ele os mineiros ficavam enciumados das moças locais querer namorar ou conhecer os migrantes nordestinos.

Não, ocê num (você não) podia, ocê trabaiava (você trabalhava), o povo chamava a gente pá (pra) uma festa, os mineiro né, tinha umas mocinha até ajeitadinha, mais os cara, num (não) deixava, ai ficava quieto. Numera que nem a gente, agora quanto mineiro quanto nortista, que é uma coisa só né, naquela época se ocê (você) namorasse a filha de um mineiro, véio, ave maria” era perigoso mandá o jagunço levá e matá né. Queria de jeito nenhum, que a mineira namorasse com mineiro (nordestino). (SANTOS, M. 2019)

O senhor Severino Batista da Silva, destacou que o preconceito que percebia era nas questões da fala dos nordestinos, causava aspectos de estranhamento entre os mineiros. Percebemos que as diferenças regionais e culturais se fazem presentes na

relação, ou seja, aspectos culturais se entrelaçam e assim temos estranhamentos e construções de espaços sociais e culturais diversos.

Não o povo falava dos mineiro, mais os mineiro sempre, num foi desconfiado não. Preconceito tinha por que, o tipo de fala né. Mais assim, na frente ninguém falava nada né, por trás nós coretava (zombava) os mineiro e os mineiro coretava a gente, tipo a fala né, num (não) sei. Lá no Norte nós (nós) fala tudo diferente, maioria das falas é diferente daqui, mais os mineiro já tava (estava) acostumado com os nortista, ai já entendia já. Quando eu vim já tinha vindo muito nortista pra cá naquela época, ai sê falava do seu jeito e eles já entendia. (SILVA, 2018)

Seu Inácio na sua entrevista destaca que percebeu um estranhamento entre os mineiros e nordestinos.

É, naquela época num (não) é igual hoje, era mais conturbado, vamos dizê assim, apesar de todo mundo se dá bem, mas era aquele tipo de gozação assim. É por que cada um queria puxa pá sua banda né, a fala, isso assim o outro. (GOÊS, 2019)

Percebemos a partir dos depoimentos que a relação entre os moradores locais e os migrantes nordestinos foi de certa forma marcadas por estranhamentos, principalmente por questões culturais e sociais que diferenciam e caracterizam cada região.

Em nossas entrevistas buscamos, também, entender e caracterizar os momentos de lazer. Percebemos que os migrantes nordestinos enfatizam os momentos de lazer, por mais que a rotina de trabalho fosse a predominante nas fazendas, buscavam divertir em meio às dificuldades e à distância de suas terras de origem.

De forma geral os entrevistados apontaram que os momentos de lazer eram marcados por bailes, reuniões em botecos, e jogos de futebol na fazenda. Outro aspecto que nos chamou a atenção, foi que alguns fazendeiros faziam bailes, restritos para os moradores da fazenda. Segundo os entrevistados, isso ocorria com o objetivo de evitar confusões entre os migrantes e moradores locais, percebemos que participavam dos bailes as pessoas que já se conheciam e faziam parte de uma mesma comunidade.

Na fazenda que nós (nós) morava, depois de 54 (1954), que começo aumentá o número de lavora, de muita gente que começô a (vir), lá já tinha muita gente. O nosso patrão todo sábado tinha que fazer um bailizim (baile) pró pessoal da (não audível) pô pessoal da fazenda, naquele tempo num (não) tinha, vamo (vamos) dizer assim, peão de fora não, o pessoal dali os moradô dali, ele fazia, que era pro pessoal,

num i pá fazenda bebê cachaça, nos otos lugá (outros lugares). (GOÉS, 2019)

O senhor Mário relata sobre outras formas de diversão:

Tinha, mais era perigoso, ocê (você) i de noite, pus forró, (**não audível**), eu memo num (mesmo não), eu vinha pra cá, coisava prá cidade (ia para a cidade), vinha pra cá né, cidade ai passava treis dia na cidade e pronto. Ai tinha um cara que era amigo da gente que, umas menina chamô nóis (nós) pá i pra lá né. Eles gostava de fazê umas festinha, fazia bolo, fazia pão de queijo essas coisa, ocê cumê e rezá e ficava né. Ai, rapaiz! (rapaz) os cara tinha, os mineiro achava ruim demais pá gente. (SANTOS, M. 2019)

Em relação à rotina de alimentação percebemos que a mesma era de responsabilidade do fazendeiro e as refeições eram feitas em grande parte nos locais de trabalho e com pouco tempo de parada no serviço. De forma geral as refeições eram realizadas de madrugada, por volta das cinco ou seis da manhã era o café; entre as nove dez da manhã, o almoço; por volta das quatorze, quinze horas era o jantar, e a noite, segundo os entrevistados, era servido um lanche.

Não, existia fazendeiro que dava três refeição, é a norma da fazenda. De primeiro quando eu vim pra cá, todas, ocê (você) almoçava 10 (horas), mas também 10 hora já tava (estava) suado a muito tempo, igual te falei, amanhecia ocê pegava (no serviço), 10 hora ocê já tava com fome memo (mesmo), almoçava dez hora vinha o caldeirão, tinha o boieiro pá (para)levá. Tinha o mais preguiçoso, tinha um mais preguiçoso no meio da turma, prá levá a bóia, pá buscá, o boieiro. Então boieiro levava a bóia, ai levava lá pôs peão, tava (estava) garrado lá, trabaiano (trabalhando) lá, ai ocê almoçava 10 hora, e o kilo (descanso para fazer a digestão) era pequeno, e chama kilo, na hora do almoço, e da janta, se garrava de novo, ali era direto, todo mundo suado. (SILVA, 2018)

Segundo o senhor Inácio a rotina de alimentação era a seguinte:

Os horários da refeição era na faixa de das 09:30 às 10:30, uns gostava de armaça (almoçar) mais cedo, outros...do almoço, e da janta era das 14:30 às 15:30. Se chegasse as 15:30 ocê (você) já ficava assim, prá esquentar (sentia fome), ah, fulano, comida lá era mais pouco e coisa e tal e era mais ou menos assim. Aí quando era a noite, ai a gente o que era possível, mais sempre tinha né. (GOÉS, 2019)

O tipo de alimentação era variado e dependia de cada fazendeiro. Alguns forneciam uma alimentação mais reforçada, com carne, outros apenas ofereciam arroz, feijão e algum legume. Esse aspecto era fundamental, segundo os migrantes, pois se os alimentos fossem baseados apenas em grãos e vegetais faltariam nutrientes para o tipo

de serviço desenvolvido por grande parte dos trabalhadores. Segundo o senhor Inácio a refeição na fazenda que ele trabalhava era:

Muito boa, em relação as outras fazendas, segundo uma pesquisa que eu fiz depois, que meu conhecimento era pouco em relação, o ocê (você) tá perguntando, eu num (não) conhecia as outras coisa não e depois na hora que (não audível) que lá era muito bom, muito bom. Uma comida muito boa, muito boa e muito boa, comida pra época, porque o muito bom, é muito relativo, cada um tem um jeito de achar as coisa né, e é assim. (GOÊS, 2019)

Sobre a alimentação o senhor Severino relata que:

Assim que eu casei, eu parei sete (anos na mesma fazenda). Na outra (fazenda) acho que eu parei uns dois ano e pouco, é por que eu fiquei uns dez ano na fazenda. Não, quando eu casei fiquei 7 (sete ano) assim, casado um pouco solteiro. Porque eu casei com a sobrinha do meu patrão né, que eu trabaiava (trabalhava). Mais era assim, comida tinha, naquele tempo comida eles dava bem, mais também tinha vez que tinha cara(fazendeiro) que, dava só arroz (arroz), feijão e muranga(moranga), arroz, feijão e abóbora, as vez muito difícil um frango. (SILVA, 2018)

Outro aspecto que chamou a atenção, em nossas entrevistas, foram as condições que os migrantes eram submetidos, principalmente no que se refere ao modo como eram vigiados, especialmente os que vinham devendo suas despesas para os “fretantes” dos caminhões e, em seguida tinham as dívidas transferidas para os fazendeiros. Alguns de nossos entrevistados destacaram que havia jagunços nas fazendas, para vigiar os migrantes, para que não tivesse fugas do trabalho e das fazendas, para evitar que fugissem para não pagarem a dívida. Em sua entrevista, o senhor Severino destacou que era muito sofrimento, pois deixou a família em sua terra natal e praticamente estava preso no meio do mato até pagar a sua dívida.

Era só sofrimento, por que já pensou? Ocê (você). Nós (nós) foi criado no Norte menino, pobre igual...andava mais era no meio da população né, tinha amigo, tinha tudo. Ai nósvei (nós viemos) pum lugá (para um lugar) que num (não) tinha amigo nenhum aqui. Por que num tinha mesmo! Ai nós ficô dentro do mato, aqui vamosupô (vamos supor), nós posava aqui (na cidade) e daqui nós ia, nois já dento do mato e saia de dento do mato pra trabaiá (trabalha) na lavoura entendeu? Ai nós trabaiava o dia inteiro, trabaiava o dia inteiro lá, vigiado, num precisava nem vigia, mas vigiava por que tinha gente que eles desconfiava e podia ir embora. Voltava pra trás durmia, amanhã voltava de novo, você num acha que num é um sofrimento? (SILVA, 2018)

Sobre como os jagunços vigiavam os migrantes nordestinos, o senhor Severino destacou que:

Tinha, toda fazenda grande tinha um gerente, é tinha o gerente que vigiava, mais os que eles chama de puxa saco né. Na empresa num (não) tem os puxa saco lá? Tava (estava) fazendo desse jeito, sempre ficava lá dia e noite vigiando a turma lá, ele num era nem muito obrigado a muito trabaia (trabalha), era oiá a turma, mais tinha uns que trabaia (trabalhava) também. (SILVA, 2018)

Indagamos se os indivíduos, que ficavam responsáveis por vigiar os trabalhadores, andavam armados, “seu” Severino destacou que:

Um 38 (revolver) do lado, um facão e uma faca ali, e falava assim: “aqui tretô, relô (criou confusão) eu mato, brincô comigo eu mato, entendeu?” A lenda era essa, é uai! O revolve tava (revolver estava) lá. Dentro do mato se matasse morreu, é, só que agora, nós (nós) ai, nós era, nessa fazenda mais perigosa lá, nós (nós) era 5 cinco parente, primo tudo, ai nós era combinado, e se ele matasse um nós ia pegá ele e dá uma pisa pelo menos. Mais (más) como nós era 5 cinco e ele sabia que nós era parente, só que nós nunca caçô encrenca. Ai nós era bom de serviço, nós trabaia(nós trabalhava) bem, andava direitin (direitinho), pagá nossa conta pá i embora de lá, nós combino: “vamo (vamos) pagá nossa conta e vamo embora daqui”. Mais toda fazenda era desse jeito, o povo era mal inclinado, naquele tempo mata, era, num tava nem ai não iii. (SILVA, 2018)

Outra situação que os migrantes nordestinos relataram, foram as histórias e boatos de fazendeiros que mandavam matar os trabalhadores nordestinos quando os mesmos recebiam e pediam para ir embora. Em tal situação o fazendeiro pagava o que devia para os trabalhadores nordestinos, mas, no meio do caminho mandava um jagunço para matar e roubar o dinheiro do trabalhador.

Tinha fazendeiro aqui, isso num é mentira não, mais que levava os peão pra trabaia (trabalha) aqui com nois, tipo companheiro, e a maioria eles mandava mata, o cara trabaia (trabalhava) lá, as vez o cara humilde, trabaia junto fazia 5 ano, pá i po Norte. Juntando dinheiro pá volta pra trás né, num comprava roupa assim, tinha roupa ele levava uma roupa, por que tava (estava) no mato memo, ai quando ia embora, acertava o dinheiro direitin, colocava no bolso, diz que eles mandava mata, por que lá tinha os capanga nas fazenda, mandava espera lá na frente e matava o cara, pegava o dinheiro e trazia para trás e jogava o cara no mato lá, fazenda lá com mil alqueire de chão. (SILVA, 2018)

Por fim podemos enfatizar a importância da fonte oral em nosso trabalho, por nos proporcionar análises de experiências que nos dão acesso a outras realidades, que, em algumas situações não estavam presentes no noticiário local do município de Ituiutaba.

Através deste capítulo podemos perceber as diferentes experiências vividas por migrantes nordestinos e os anseios e dificuldades que fizeram os mesmos se deslocarem para o município de Ituiutaba, contribuindo para o desenvolvimento do município. Os depoimentos colhidos neste trabalho dão acesso a realidades múltiplas, que dificilmente teríamos com outras metodologias de trabalho, com exceção da fonte oral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar e refletir acerca do movimento migratório de nordestinos que vieram para o município de Ituiutaba nas décadas de 1950 a 1970. O nosso objetivo era entender como centenas de migrantes saíram de seus locais de origem e se deslocaram para um município distante da terra natal, com costumes tão diferentes, e como os mesmos se fixaram em dado momento, uma vez que muitos ainda moram no município.

A proposta do nosso trabalho, no primeiro capítulo, foi apresentar de forma geral o tema, tratando especificamente sobre aspectos importantes à compreensão da temática. Uma breve análise sobre movimento migratório; em seguida trazemos considerações sobre a situação do Brasil, dentro do recorte temporal - questões políticas, sociais – no período do desenvolvimentismo de JK, visando a compreensão do quadro macro que teria influenciado os sujeitos da pesquisa na decisão de migrar. Em seguida, tecemos reflexões acerca da importância da história regional e local, as suas contribuições para a compreensão das características específicas e particularidades das regiões, que nem sempre são compatíveis com a realidade macro. Ainda no primeiro capítulo apresentamos o município de Ituiutaba, buscando compreender de maneira geral a situação política e econômica da então “Capital do Arroz”, usando principalmente fontes periódicas, sendo elas de jornais que circulavam na região à época. Com o objetivo de lançar um olhar sobre a terra natal dos migrantes, foram desenvolvidas algumas considerações sobre a região Nordeste, a partir de autores que refletem em torno do conhecimento produzido sobre a região, enfatizando diferentes linhas de estudo desenvolvidas com o objetivo de compreender a situação “periférica” desta frente a outras regiões do país.

No segundo capítulo foi construído através das fontes orais, que recolhemos durante o desenvolvimento da pesquisa. Os tópicos desenvolvidos neste capítulo seguiram as indagações que fizemos no diálogo com os entrevistados, tais como: as memórias sobre a vida no Nordeste, os tipos de trabalho que desenvolviam antes de migrar e das condições que os levaram à decisão de migrar, bem como as razões da escolha do local de destino; considerações sobre as memórias da viagem, da chegada ao destino e das impressões sobre o sistema de contratação dos migrantes pelos

fazendeiros; a relação com a população local e o cotidiano do trabalho e do viver nas fazendas.

Nossa pesquisa passou por diferentes momentos, sendo um deles, o período em que o objetivo era analisar a presença nordestina na região por meio da pesquisa em processos-crime. Sobre esse aspecto não objetivamos êxito, uma vez que os responsáveis por esta documentação não atenderam às solicitações para acesso aos processos.

Outra dificuldade enfrentada foi a busca por migrantes nordestinos que vieram para o município de Ituiutaba, no recorte histórico temporal de nossa pesquisa, e que concordassem em gravar os depoimentos sobre essa experiência. A busca por migrantes foi incessante e conseguimos recolher as entrevistas, mas este trabalho é árduo, principalmente após a realização das entrevistas, no processo de transcrição e tratamento das fontes.

De forma geral a pesquisa correspondeu aos nossos questionamentos e se fez importante, pois trouxe outras reflexões acerca da migração dos nordestinos em determinado período histórico. Outra importância que podemos destacar sobre este trabalho, é que através dos depoimentos foi possível trazer outra versão que não está presente nos periódicos locais. Com os depoimentos de migrantes nordestinos trazemos as diferentes narrativas sobre as experiências vividas, os anseios, as dificuldades e principalmente um olhar dos indivíduos que viveram a experiência do migrar e ajudaram no desenvolvimento do município de Ituiutaba.

O trabalho tinha também como objetivo trazer entrevistas com os mineiros que viviam no município de Ituiutaba em determinado momento, entretanto, pela falta de tempo, não conseguimos produzir essas fontes. Assim, podemos destacar que para outras pesquisas se entreviste mineiros, para que se possa trazer outros elementos para melhor compreensão sobre o tema de estudo e enriqueça a pesquisa.

Outra fonte que elencamos para que se produza futuros trabalhos, diz respeito às fontes de processos-crime, que também pode trazer outras narrativas acerca do movimento migratório nordestino, sobre as relações nas terras mineiras, lançando luz em torno da temática da suposta violência no respectivo período, e também apresentar a relação de migrantes com a justiça.

Este trabalho não teve como objetivo colocar os migrantes nordestinos como vítimas na história, mas sim para destacar outras narrativas em que migrantes tem a oportunidade de narrarem sobre esse processo de migração, respondendo a uma inquietação do pesquisador em busca das suas origens. Em nossa pesquisa os migrantes são protagonistas do seu tempo, percebemos estes aspectos nas narrativas do dia a dia nas fazendas e nas rotinas de trabalho.

A pesquisa não é o ponto final deste tema, dentre outros trabalhos já produzidos, esta é mais uma contribuição para que se possa conhecer outras versões dentro da história, outras narrativas que divergem dos veículos de comunicação da época, ou de outros registros produzidos por outras perspectivas.

FONTES:**Entrevistas**

MOURA, Francisco. Depoimento [maio de 2018] Entrevistadores: Lucas Cardoso de Moura e Eduardo Toscano. Ituiutaba, 2018, (2 h)

GOES, Inácio Azevedo. Depoimento [maio de 2019] Entrevistador: Lucas Cardoso de Moura. Ituiutaba, 2019. (59 min e 11 segs.)

SANTOS, José Nascimento. Depoimento [abril de 2019] Entrevistador: Lucas Cardoso de Moura. Ituiutaba, 2019. (38 min e 19 segs.)

SANTOS, Mário José. Depoimento [maio de 2019] Entrevistador: Lucas Cardoso de Moura. Ituiutaba, 2019. (52 min e 58 segs.)

SILVA, Severino Batista. Depoimento [julho de 2018] Entrevistador: Lucas Cardoso de Moura. Ituiutaba, 2019. (1 hora, 14 min e 42 segs.)

Jornais:

Folha de Ituiutaba, Ituiutaba 09/02/1963.

Folha de Ituiutaba, Ituiutaba 13-07-1963.

Folha de Ituiutaba, Ituiutaba 11-01-1961.

Folha de Ituiutaba , Ituiutaba 11-01-1961.

Município de Ituiutaba, (1967, 1968 e 1969)

Correio do Triângulo – (1964 e 1965)

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Ouvir Contar**: Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. B. **Fontes Históricas**. 2ª. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155 – 171;
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3ª ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008.
- ALVES, P.; MELO; Nagela Aparecida de; SOARES, Beatriz Ribeiro. Pequenas cidades da microrregião de Ituiutaba (MG): Análise das estruturas espaciais, econômicas e socioculturais de Capinópolis, Gurinhatã e Cachoeira-Dourada (MG). **Horizonte Científico**, v. 1, p. 1, 2008.
- AMADO, Janaina. História e Região: Reconhecendo e Construindo Espaços. In.: SILVA, Marcos A. da. (Coord.) **República em Migalhas**: História Regional e Local. São Paulo: Ed. Marco Zero, 1990. p. 7-15.
- BARROS, José D'Assunção. Espaço, Território, Região: pressupostos metodológicos. In.: **I Colóquio Baiano. Tempos, Espaços e Representações**: abordagens geográficas e históricas. v. 1, nº 1, 2013, Vitória da Conquista. Anais... Vitória da Conquista: EDUESB, 2013. p. 1-22.
- BECKER, Olga Marian Schild. Mobilidade Espacial da População: Conceitos, tipologia, contextos. In: **Explorações Geográficas percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand.1997 p. 319-367
- BENEVIDES. Maria Victoria de Mesquita. Cidadania e Democracia. **Lua Nova**. São Paulo. 1994. N. 33. p. 5-172002, v1, p. 226-236.

CHALHOUB, Sidney. Sobrevivendo In: **Trabalho, lar e botequim**. Rio de Janeiro: Editora da UNICAMP, 2001.

CHAVES, Petrônio R. **A Loja do Osório**. Ituiutaba: Ed. do Autor, 1984.

DE LUCCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas/ CARLA, Pinsky Bassanezi (org.) 2º Ed. 1º reimp.** São Paulo: Contexto, 2008, p. 111 – 153.

FERREIRA, Jorge. O governo João Goulart e o golpe de 1964. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia Neves. **Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964.** 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 345-404

GUILLEN, Isabel C.M. Seca e migração no Nordeste: reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica. CAVALCANTI, Helenilda; BURITY Joaildo. (Org.). In: **Polifonia da Miséria**. Uma Construção de Novos Olhares. Recife: Editora Massangana, 2002.

IANNI. Octávio. **Uma Longa Viagem**. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ts/v16n1a09.pdf>.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim, COIMBRA, Tamara Claudia. Ituiutaba Várias histórias. In: **Releituras da cidade: Memória, História e Identidade**. Uberlândia: Editora: Assis, 2013, Pág. 11 -23.

LIMEIRA, Aline Moraes. Impressos: Veículos de publicidades, fontes para a história da educação. In: **Cadernos de História da Educação** – v. 11, n. 2 – jul./dez. 2012

MATEUS, Renato. **A Dinâmica da agricultura no cerrado: do apogeu do arroz à modernização do campo na região de Ituiutaba/MG (1946-1974)**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia. Ituiutaba, 2013.

MENESES, Ulpiano B. Os paradoxos da memória. In.: MIRANDA, D.S. de. (Org.) **Memória e Cultura: a importância da memória na formação humana**. São Paulo: Edições SESC-SP, 2007.

MOREIRA, Vania Maria Losada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia Neves. **Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 157-193.)

PEREIRA, Laurindo Mékie. Reflexões sobre a atualidade e operacionalidade do materialismo histórico nos estudos das identidades regionais. **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 40, p. 117- 150, jan./jun. 2009

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista de Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol.5, n.10,1992. p. 200-212

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**. São Paulo, Nº 15, p. 13-33, abr/1997. Preparação para a oficina de História Oral

SILVA, Dalva M. De O. **Memória: Lembrança e Esquecimento**. Trabalhadores Nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro. (Décadas de 1950 e 1960) Dissertação de Mestrado: PUC. São Paulo, 1997.

SILVA, Dalva Maria de Oliveira. Migrantes nordestinos e as relações com a cidade. In: **Cidades: Pesquisa em História**. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História PUC/SP, 2000.

SILVA, K.V.; SILVA, M.H. Memória. In: **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. Trad. Andréa Zhouri e Lígia M. L. Pereira. **História Oral**. Revista da ABHO, nº 5, junho de 2002. p. 09-28;

THOMPSON, P. A Entrevista. In: **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 254-278;

THONSON, A. Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, nº 15, p. 51-71, abr. 1997.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A dupla face de Jango: romantismo e populismo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002. p. 171-199